

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

FABIANO COSTA

**ANÁLISE FINANCEIRA DE UMA EMPRESA ATRAVÉS DA DEMONSTRAÇÃO
DO FLUXO DE CAIXA: UM ESTUDO DE CASO**

**FLORIANÓPOLIS
2009**

FABIANO COSTA

**ANÁLISE FINANCEIRA DE UMA EMPRESA ATRAVÉS DA DEMONSTRAÇÃO
DO FLUXO DE CAIXA: UM ESTUDO DE CASO**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Professor Nivaldo João dos Santos, Msc

FLORIANÓPOLIS
2009

FABIANO COSTA

ANÁLISE FINANCEIRA DE UMA EMPRESA ATRAVÉS DA DEMONSTRAÇÃO DO
FLUXO DE CAIXA: UM ESTUDO DE CASO

Esta monografia foi apresentada no curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina, obtendo a nota final _____ atribuída pela banca examinadora constituída pelo(a) professor(a) orientador(a) e membros abaixo mencionados.

Florianópolis, SC, 03 de Julho de 2009.

Professora Valdirene Gasparetto, Dra.
Coordenadora de Monografias do Departamento de Ciências Contábeis

Professores que compuseram a banca examinadora:

Professor Nivaldo João dos Santos, Msc
Orientador

Professor Ernesto Fernando Rodrigues Vicente, Dr.
Membro

Professor Pedro José Von Mecheln, Dr.
Membro

“Quem sabe concentrar-se numa coisa e insistir nela como único objetivo, obtém, ao fim e ao cabo, a capacidade de fazer qualquer coisa”. (Mahatma Gandhi)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, João e Silvia, que nunca mediram esforços para concretizar esta caminhada, apesar de tantas dificuldades;

Aos meus irmãos Diego, Daniela e João pela compreensão que tiveram à realização deste trabalho;

À minha namorada Juliane, companheira de todas as horas, pelo apoio, e dedicação, sempre presente no decorrer deste processo;

Ao meu orientador, professor Msc. Nivaldo, que me deu subsídios para a realização desse trabalho, com sua dedicação, paciência e constância;

Aos amigos, em especial a Estefânia, Ana Paula, Pedra, Ivan, Fábio e Vergílio, pelas dicas e colaborações preciosas que deram para a realização deste trabalho;

E em especial à minha avó Duzilena (in memoriam).

Muito obrigado.

RESUMO

COSTA, Fabiano. *Análise financeira de uma empresa através da demonstração do fluxo de caixa: um estudo de caso*. 2009. Monografia (Ciências Contábeis) – Departamento de Ciências Contábeis, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

Orientador: Professor Nivaldo João dos Santos, Msc

O presente trabalho monográfico dispõe sobre a análise financeira de uma empresa através Demonstração do Fluxo de Caixa, sendo que um dos objetivos da contabilidade é divulgar informações aos usuários para que estes tomem decisões fundamentadas. Para tanto, é importante fazer uma análise dos demonstrativos contábeis com intuito de retirar o máximo de informações contidas em tais registros. Por isso faz-se necessário analisar a situação financeira de uma empresa por meio do DFC. Com a alteração da lei 6.404/64 muitas empresas passam a ser obrigadas a elaborar e divulgar suas DFC, aumentando assim a relevância da pesquisa. Este trabalho explora aspectos relacionados à contabilidade, fluxo de caixa e a demonstração do fluxo de caixa, bem como, aplicação de indicadores financeiros na empresa analisada. Esses tópicos são imprescindíveis para atingir aos objetivos propostos. O planejamento e controle financeiro se fazem necessários diante do mercado competitivo, onde a falta de recursos financeiros e os elevados custos para sua aquisição tornam a habilidade em gerenciar o disponível uma peça chave para o progresso das empresas.

Palavras-chave: Informação contábil. Demonstração do fluxo de caixa. Indicador financeiro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Fluxograma do sistema de informação contábil.....	16
Figura 2	- Esquematização dos fluxos de caixa.....	20
Figura 3	- Classificação das transações que envolvem caixa por atividades.....	27
Figura 4	- Demonstração do fluxo de caixa - Método direto.....	29
Figura 5	- Demonstração do fluxo de caixa - Método indireto.....	30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Principais valores extraídos das Demonstrações contábeis da Beta S.A.....	37
Quadro 2	- Quadro resumo dos indicadores financeiros extraídos da DFC da Beta S.A....	45
Quadro 3	- Demonstração do fluxo de caixa da Beta S.A de 2005, 2006 e 2007.....	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BP	Balanco Patrimonial
CFC	Conselho Federal de Contabilidade
DOAR	Demonstração de Origem e Aplicação de Recurso
DRE	Demonstração do Resultado do Exercício
NBC	Normas Brasileiras de Contabilidade
CRC	Conselho Regional de Contabilidade
DLPA	Demonstração de Lucros ou Prejuízos Acumulados
DFC	Demonstração do Fluxo de Caixa
CPC	Comitê de Pronunciamentos Contábeis
DVA	Demonstração do Valor Adicionado
FCO	Fluxo de Caixa Operacional
NE	Notas Explicativas
DMPL	Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido
CVM	Comissão de Valores Mobiliários
FASB	Financial Accounting Standards Board
S.A.	Sociedade Anônima
LP	Longo Prazo
CP	Curto Prazo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 TEMA E PROBLEMA	11
1.2 OBJETIVOS	12
1.2.1 Objetivo Geral	12
1.2.2 Objetivo específico	12
1.3 JUSTIFICATIVA	13
1.4 METODOLOGIA DA PESQUISA	14
1.5 LIMITAÇÕES DO TRABALHO	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 A CONTABILIDADE E O SISTEMA DE INFORMAÇÕES CONTÁBEIS	16
2.1.1 O conceito de contabilidade.....	16
2.1.2 Sistemas de informações contábeis.....	17
2.1.3 Demonstrações Contábeis e sua obrigatoriedade de elaboração e divulgação	20
2.2 ASPECTOS GERAIS SOBRE O FLUXO DE CAIXA	22
2.2.1 Conceito de fluxo de caixa.....	22
2.2.2 Objetivo do fluxo de caixa.....	23
2.2.3 Conceito de equivalente de caixa.....	24
2.3 ASPECTOS CONCEITUAIS SOBRE A DFC.....	25
2.3.1 Demonstração do fluxo de caixa.....	25
2.3.2 Objetivos da demonstração do fluxo de caixa	26
2.3.3 Classificação das movimentações de caixa por atividade.....	28
2.3.4 Métodos de elaboração da demonstração do fluxo de caixa.....	31
2.3.4.1 Método direto	31
2.3.4.2 Método indireto	32
2.3.5 Principais indicadores financeiros na análise da demonstração do fluxo de caixa... 33	
2.3.5.1 Quociente de cobertura de caixa.....	34
2.3.5.2 Quocientes de qualidade do resultado	35
2.3.5.3 Quocientes de dispêndio de capital	35
2.3.5.4 Quocientes de retornos do fluxo de caixa.....	36
3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	38
3.1 Apresentação da empresa analisada	38
3.2 Demonstração do fluxo de caixa da Beta S.A dos anos de 2005, 2006 e 2007	38

3.3 Cálculos dos indicadores financeiros	40
3.4 Análise dos resultados	46
4. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	48
5. REFERÊNCIAS	50
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

A complexidade do processo gerencial que se verifica nas empresas, levam os gestores a buscar alternativas para superar os obstáculos e a utilizar ferramentas que reduzem os riscos de uma má administração. A escassez de recursos financeiros e o elevado custo para sua captação, juntamente com a falta de planejamento e controle, têm contribuído para que muitas empresas encerrem suas atividades.

Vale ressaltar que lucro não é sinônimo de caixa, de forma que a empresa pode apresentar lucro em suas demonstrações contábeis, no entanto, estar com dificuldade de geração de caixa. Segundo Yoshitake e Hoji (1997, pg. 149) “é sempre bom lembrar que as empresas quebram não por falta de lucro e sim por falta de caixa”. Neste contexto a DFC se torna uma ferramenta importante na expectativa da capacidade de a empresa gerar fluxos de caixa.

Padoveze (2007, pg.29) define a contabilidade como “sistema de informações que controla o patrimônio de uma entidade”, assim a contabilidade dá o suporte para que os gestores tomem as decisões baseados em relatórios contábeis.

Tendo em vista que a função da contabilidade segundo Marion (2003, pg.23) “é o instrumento que auxilia a administração a tomar decisões, com a coleta de todos os dados econômicos, mensurando-os monetariamente, registrando-os e resumindo-os em forma de relatórios ou de comunicados, que contribuem para a tomada de decisão”, verifica-se que a contabilidade é um instrumento importante para o gerenciamento de caixa das empresas, impactando assim na continuidade das mesmas.

E através do estudo e análise dos indicadores financeiros relacionados à DFC que se pretende atingir os objetivos da pesquisa.

1.1 TEMA E PROBLEMA

Para se atingir os objetivos empresariais, alguns administradores esquecem o gerenciamento dos recursos financeiros, resultando na consequência que é a insolvência, que corresponde ao não pagamento dos compromissos assumidos. Gitman (2002, pg. 12) diz que “uma empresa pode ser lucrativa e mesmo assim fracassar, devido a um insuficiente fluxo de caixa para satisfazer suas obrigações nas datas de vencimento”.

Por isso a presente pesquisa pretende analisar a situação financeira de uma empresa utilizando a demonstração do fluxo de caixa, permitindo o conhecimento da política de

gerenciamento dos recursos financeiros adotada pela mesma, e por meio dos indicadores financeiros que se obtêm as informações necessárias ao objetivo proposto.

Com isso o tema da pesquisa é: analisar financeiramente uma empresa através da demonstração do fluxo de caixa, tendo em vista as incertezas que envolvem as empresas, a DFC pode ser um adequado instrumento de controle financeiro, pois, com uma análise dos indicadores obtidos na DFC a empresa pode diagnosticar problemas e conseqüentemente solucionar de uma forma mais objetiva e clara a falta de recursos.

Neste sentido a empresa Beta S.A. mantém em seus relatórios anuais a elaboração e divulgação da DFC, e conseqüentemente a aplicação dos indicadores nesta empresa se torna uma peça chave para o alcance dos objetivos propostos.

Feito a apresentação do tema, o problema pode ser definido assim: de que forma pode-se analisar a situação financeira de uma empresa através da demonstração do fluxo de caixa?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Esta pesquisa tem como objetivo geral evidenciar a situação financeira de uma empresa através da demonstração do fluxo de caixa.

1.2.2 Objetivo específico

Num sentido mais restrito esta pesquisa busca alcançar os seguintes objetivos específicos:

- caracterizar aspectos relacionados ao fluxo de caixa;
- descrever a estrutura da demonstração do fluxo de caixa;
- mostrar os tipos de DFC que podem ser publicadas;
- apresentar os principais indicadores financeiros contidos na DFC; e
- aplicar os indicadores financeiros apresentados na DFC da empresa Beta S.A.

1.3 JUSTIFICATIVA

A contabilidade vem se consolidando como uma ferramenta indispensável aos gestores, devido suas informações altamente técnicas, precisas e claras. Porém, é difícil controlar todas essas informações. Um bom planejamento auxilia muito a tomada de decisão pelos usuários, mesmo assim muitas empresas sofrem com falta de recursos financeiros, tornando o fluxo de caixa um instrumento indispensável no processo gerencial das empresas.

Neste sentido, a Demonstração do Fluxo de Caixa reúne as informações dos fluxos de caixa, ou seja, as entradas e saídas de recursos financeiros. Marion (2007, pg. 64) diz que “a DFC indica as alterações ocorridas no exercício no saldo de caixa e equivalentes de caixa, segregadas em fluxos de operações, dos financiamentos e investimentos”.

Matarazzo e Pestana (1994, pg. 369) afirmam:

É através da DFC que se pode saber se a empresa foi auto-suficiente no financiamento do seu giro e qual sua capacidade de expansão com recursos próprios gerados pelas operações, ou seja, a independência financeira da empresa é posta em cheque.

De acordo com a lei 11.638 publicada no DOU de 28.12.2007, no qual altera e revoga dispositivos da lei 6404/64, a demonstração dos fluxos de caixa torna-se obrigatória para as companhias abertas, assim como para as fechadas com patrimônio líquido, na data do balanço, igual ou superior a R\$ 2 milhões. Porém, tornando facultativa a elaboração e publicação da demonstração dos fluxos de caixa à companhia fechada com patrimônio líquido, na data do balanço, inferior a R\$ 2 milhões

A Lei nº 11.638/07 traz em sua redação que a demonstração das origens e aplicações de recursos (DOAR) passa a ser facultativa e é substituída pela demonstração dos fluxos de caixa (DFC), diante destas e outras alterações feitas pela referida lei, Monsore (2008, pg. 01) diz que a lei 11.638/07 “veio para alinhar as práticas contábeis do Brasil ao cenário internacional, de forma que a divulgação das demonstrações contábeis sejam padronizadas, em linguagem específica e fácil, dentro de uma estrutura transparente direcionada aos interessados”.

Este trabalho propõe o estudo da situação financeira da empresa Beta S.A. através da DFC, utilizando de indicadores financeiros como medida de desempenho, assim seus resultados podem servir de base para eventuais aplicações em outras empresas. Podem também servir como referência para outras pesquisas e outras abordagens na questão da DFC.

1.4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para a realização de uma pesquisa, são seguidas etapas, métodos e técnicas predefinidas para a consecução dos objetivos. Como definição de pesquisa, Gil (1991, p.19) afirma que “a pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema”.

Diante da necessidade de definir o delineamento da pesquisa quanto aos objetivos, a presente pesquisa pode ser enquadrada como pesquisa exploratória, pois, conforme Beuren (2003, P. 80):

A caracterização do estudo como pesquisa exploratória normalmente ocorre quando há pouco conhecimento sobre a temática a ser abordada. Por meio de estudo exploratório, busca-se conhecer com maior profundidade o assunto, de modo a torná-lo mais claro ou construir questões importantes para condução da pesquisa.

A presente pesquisa auxilia a esclarecer acerca do assunto evidenciado, deixando claro a meta a ser atingida e torna mais flexível o planejamento da pesquisa.

Na visão de Marconi e Lakatos (1990. pg. 68) pesquisa exploratória:

São investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos.

Diante da necessidade de atingir os objetivos, buscou-se através da literatura divulgada em meio eletrônico e impresso esclarecer pontos importantes quanto à conclusão do trabalho, fez-se uma coleta de livros, materiais e principalmente as demonstrações contábeis da Companhia Beta S.A. para o desenvolvimento do trabalho. Ao se referir em pesquisa exploratória Martins (2002, pg. 69) ressalta algumas finalidades primordiais, como:

Proporcionar maiores informações sobre o que se vai investigar; facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses; ou descobrir um novo tipo de enfoque sobre o assunto.

Segundo Beuren (2003, p. 83) “os procedimentos na pesquisa científica referem-se à maneira pela qual se conduz o estudo e, portanto, se obtém os dados”. Para a caracterização da pesquisa quanto ao procedimento será realizada na forma de Estudo de caso, que conforme Gil (1999, p. 73) “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir conhecimentos amplos e detalhados do mesmo, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamento considerados”.

Para Marion, Dias e Traldi (2002, pg. 62)

O estudo de caso foca-se um caso/fenômeno contemporâneo que esteja ocorrendo na vida real, para descrever a totalidade do contexto onde se dão as relações, privilegiando o processo em detrimento dos resultados, na tentativa de captar a evolução do evento, do projeto ou do programa estudado.

Para elaboração da fundamentação teórica foi feita uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa documental, relatando as definições e os demais aspectos que se referem à DFC. Segundo Marconi, Lakatos (1990, pg. 66) “a pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, material cartográfico etc”.

Segundo os mesmos autores, a característica da pesquisa documental é “que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina fontes primárias”, onde a empresa disponibiliza os relatórios contábeis e demais dados que se julguem necessários.

No que diz respeito à abordagem do problema, esta pesquisa segue a linha qualitativa e quantitativa, conforme Beuren (2003, pg. 92) “na pesquisa qualitativa concebem-se análises mais profundas em relação ao fenômeno que está sendo estudado”, tendo em vista que não pretende abordar instrumentos estatísticos, e sim aprofundar-se no assunto investigado, sendo complementada pela linha de pesquisa quantitativa.

Segundo Bradley (1993, p. 38), “na pesquisa qualitativa, o pesquisador é um interpretador da realidade”. Nesse sentido, esta pesquisa se desenvolve a partir de dados qualitativos, como documentos e registros para a interpretação correta dos documentos pesquisados.

1.5 LIMITAÇÕES DO TRABALHO

O presente estudo está limitado quanto aos resultados obtidos, pois, trata-se de um estudo de caso, podendo os resultados ser aplicados somente na empresa em estudo, porém, podendo ser utilizados os métodos em outras empresas. Uma segunda limitação é o período de análise do DFC, no qual fica restrito aos anos de 2005, 2006 e 2007.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentam-se os aspectos relacionados à contabilidade, o fluxo de caixa e a demonstração do fluxo de caixa.

2.1 A CONTABILIDADE E O SISTEMA DE INFORMAÇÕES CONTÁBEIS

Neste tópico discorre-se sobre os conceitos e definições sobre contabilidade, sistemas de informações e as demonstrações contábeis.

2.1.1 O conceito de contabilidade

A contabilidade é essencial para a evolução e sucesso empresarial, ela está diretamente relacionada com o desempenho da empresa, isto porque a contabilidade serve como um instrumento informacional para que os gestores tomem a decisão que maximize os resultados positivos e que minimiza as perdas.

Sá (2002, pg. 46) define a contabilidade como “a ciência que estuda os fenômenos patrimoniais, preocupando-se com realidades, evidências e comportamentos dos mesmos, em relação à eficácia funcional das células sociais”, segundo o entendimento do mesmo autor “tal definição, estabelece os limites, objeto e natureza do estudo da ciência contábil”.

Cientificamente o estudo contábil na visão de Sá (2002, pg. 46) “visa conhecer as relações que existem entre os fenômenos patrimoniais observados e busca conhecer como tais relações se estabelecem”, sendo a informação um elemento acessório, onde a essencial é estudar cientificamente as relações que afetam o patrimônio da entidade.

A função da contabilidade para Franco (1999, pg. 19):

É registrar, classificar, demonstrar, auditar e analisar todos os fenômenos que ocorrem no patrimônio das entidades, objetivando fornecer informações, interpretações e orientação sobre a composição e as variações desse patrimônio, para a tomada de decisões de seus administradores.

Já no entendimento de Perez Jr e Begalli (1999, pg. 14) a contabilidade “deve ser vista como um sistema de informações, cujo método de trabalhar consiste, simplificada, em coletar, processar e transmitir dados sobre a situação econômico-financeiro de uma entidade”.

De acordo com o CFC (2003, pg. 18) “a Contabilidade possui objeto próprio – o Patrimônio das Entidades”, ainda complementa que “o objeto delimita o campo de abrangência de uma ciência, tanto nas ciências formais quanto nas factuais, das quais fazem parte as ciências sociais”. Seguindo neste sentido o CFC define o conceito de patrimônio:

Como um conjunto de bens, direitos e de obrigações para com terceiros, pertencente a uma pessoa física, a um conjunto de pessoas, como ocorre nas sociedades informais, ou a uma sociedade ou instituição de qualquer natureza, independentemente da sua finalidade, que pode, ou não, incluir o lucro.

Para Franco (1999, pg. 21) “o patrimônio é o objeto da contabilidade, isto é, sobre ele se exercem as funções contábeis, para alcance de suas finalidades”, o mesmo autor conceitua patrimônio como “um conjunto de bens, direitos e obrigações vinculadas à entidade econômico-administrativa”.

Na visão de Iudícibus e Marion (2002, pg. 53) “o objetivo da contabilidade é de fornecer informação estruturada de natureza econômica, financeira e, subsidiariamente, física, de produtividade e social, aos usuários internos e externos à entidade objeto da contabilidade”, para um melhor entendimento desta definição os autores conceituam sobre o termo informação estruturada:

A contabilidade não fornece dados e informações de forma dispersa e apenas seguindo as solicitações imediatas dos interessados, mas sim quem o faz de maneira estruturada dentro de um esquema de planejamento contábil em que um sistema de informação é desenhado, colocado em funcionamento e periodicamente revisto, tendo em vista parâmetros próprios.

Padoveze (2007, pg. 29) acrescenta que o objetivo da contabilidade “é o controle de um patrimônio”, sendo assim, a contabilidade é importante para a continuidade das empresas, tornando-se essencial na evolução e no controle do patrimônio das empresas.

2.1.2 Sistemas de informações contábeis

A necessidade da utilização de ferramentas eficientes, as quais resultem em informações integradas, torna-se imprescindível para que os gestores fiquem informados de todas as etapas e processos das atividades organizacionais.

Lunkes (2007, pg. 31) diz que o sistema de informação “é uma série de elementos ou componentes inter-relacionados que coletam (entrada), registram, armazenam (processo) e disseminam (saída) os dados e informações e fornecem um mecanismo de retroalimentação”.

Já no entendimento de GIL (1999, p. 14):

Os sistemas de informações compreendem um conjunto de recursos humanos, materiais, tecnológicos e financeiros agregados segundo uma seqüência lógica para o processamento dos dados e a correspondente tradução em informações.

Segundo Matarazzo e Pestana (1994, pg. 18) “as demonstrações financeiras fornecem uma série de dados sobre a empresa e a análise de balanços transforma esses dados

em informações e será tanto mais eficientes quanto melhores informações produzir”. Ainda o mesmo autor relata a distinção entre dados e informações:

Dados são números ou descrição de objetos ou eventos que, isoladamente, não provocam nenhuma reação do leitor, e informações representam, para quem as recebe, uma comunicação que pode produzir reação ou decisão, frequentemente acompanhada de um efeito-surpresa.

Saraiva (apud. Velter e Missaglia, 2005) diz que “informações quantitativas que a Contabilidade produz, quando aplicadas a uma entidade, devem possibilitar ao usuário como partícipe do mundo econômico, que o mesmo”:

- observe e avalie comportamento da entidade;
- compare seus resultados com os de outros períodos;
- avalie seus resultados à luz dos objetivos estabelecidos; e
- projete o futuro da entidade nos marcos políticos, sociais e econômicos que a mesma se insere, entre outras projeções.

Os requisitos referidos levam à conclusão de que deve haver consistência nos procedimentos que a entidade utiliza em diferentes períodos e, tanto quanto possível, também entre entidades distintas que pertençam a um mesmo mercado, de forma que o usuário possa extrair tendências quanto à vida de uma entidade e à sua posição em face das demais entidades ou mesmo do mercado como um todo.

No entendimento de Lunkes (2007, pg. 32) “é de suma importância um sistema contábil para gerar informação de apoio à tomada de decisão, guiando e direcionando as ações, monitorando e avaliando o desempenho e resultando na sua principal base de sustentação”.

Perez Jr. e Begalli (1999, pg. 25) dividem os sistemas de informações contábeis em quatro fases, como pode ser visto na figura 1:

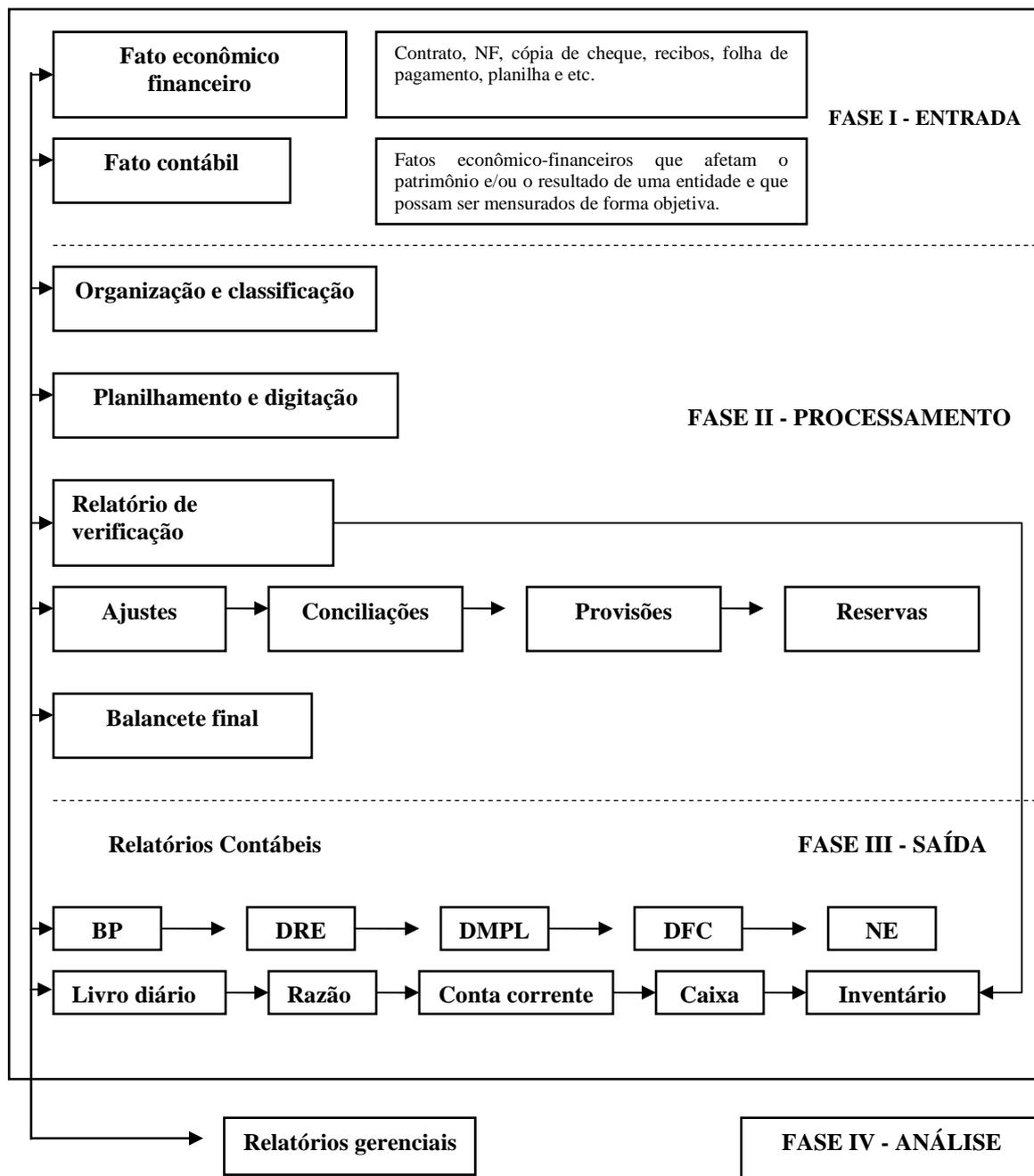


Figura 1 - Fluxograma do sistema de informação contábil
 Fonte: Perez Jr. e Begalli (1999, pg. 25)

Observa-se na fase 1 a ocorrência dos fatos, onde o patrimônio da entidade é afetado, já na fase 2 tem-se o processamento das informações obtidas com os fatos, na fase 3 o resultado de todo o processo de informação é transmitido por meio dos relatórios contábeis e na fase 4 está a análise dos relatórios contábeis e de todo o processo.

O sistema de informação contábil se encarrega pelo registro de todas as ocorrências realizadas pela empresa, organizando-as de acordo com as necessidades dos interessados nas informações elaboradas através dele.

2.1.3 Demonstrações Contábeis e sua obrigatoriedade de elaboração e divulgação

Conforme a RESOLUÇÃO CFC N°785 (1995), “as informações que a contabilidade produz como demonstrações contábeis, escrituração ou registros permanentes e sistemáticos, documentos, livros, diagnóstico, prognósticos, descrições críticas, planilhas, etc,” devem propiciar aos seus usuários base segura às suas decisões, pela compreensão do estado em que se encontra a entidade, seu desempenho, sua evolução, riscos e oportunidades que oferece.

De acordo com Iudícibus, Marion (2002, pg.74) “relatório contábil é a exposição resumida e ordenada de dados colhidos pela contabilidade”. No qual tem objetivo de relatar aos usuários os fatos registrados pela empresa.

No entendimento de Santos, Schmidt e Fernandes (2006, pg. 4) as demonstrações contábeis “devem apresentar, adequadamente, de forma estruturada, a posição financeira e patrimonial, o resultado das operações e o fluxo de caixa da entidade em determinada data”. Ainda segundo os mesmos autores o objetivo das demonstrações contábeis

É fornecer informações sobre a situação financeira e patrimonial, o resultado e o fluxo financeiro de uma entidade, que são úteis a uma ampla variedade de usuários na tomada de decisões. Assim, as demonstrações contábeis auxiliam os usuários a estimar os resultados futuros e os fluxos financeiros da entidade.

De acordo com a deliberação CVM N° 488, de 03 de janeiro de 2006 as “demonstrações contábeis também mostram os resultados do gerenciamento, pela Administração, dos recursos que lhe são confiados”. E relatam que para atingir o objetivo, as demonstrações contábeis têm que fornecer informações sobre os seguintes aspectos de uma entidade:

- ativos;
- passivos;
- patrimônio líquido;
- receitas, despesas, ganhos e perdas; e
- fluxo financeiro (fluxos de caixa).

Essas informações, juntamente com outras constantes das notas explicativas às demonstrações contábeis, auxiliam os usuários a estimar os resultados futuros e os fluxos financeiros futuros da entidade.

De acordo com a Lei das Sociedades por Ações (6.404/74), no seu art. 176, alterado pela lei 11.638/07, ao fim de cada exercício social, a diretoria deve elaborar, com base na

escrituração contábil, o Balanço Patrimonial, a Demonstração do Resultado do Exercício, a Demonstração dos Lucros ou Prejuízos Acumulados (DLPA), Demonstração do Fluxo de Caixa, e se companhia aberta, demonstração do valor adicionado.

Pode ser verificada com a lei 11.638/07 a inclusão de uma categoria chamada de Sociedade de grande porte antes não mencionada na lei 6404/04, conforme trecho destacado da lei 11.638/07

Demonstrações Financeiras de Sociedades de Grande Porte

Art. 3º Aplicam-se às sociedades de grande porte, ainda que não constituídas sob a forma de sociedades por ações, as disposições da [Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976](#), sobre escrituração e elaboração de demonstrações financeiras e a obrigatoriedade de auditoria independente por auditor registrado na Comissão de Valores Mobiliários.

Parágrafo único. Considera-se de grande porte, para os fins exclusivos desta Lei, a sociedade ou conjunto de sociedades sob controle comum que tiver, no exercício social anterior, ativo total superior a R\$ 240.000.000,00 (duzentos e quarenta milhões de reais) ou receita bruta anual superior a R\$ 300.000.000,00 (trezentos milhões de reais).

Independentemente de classificação da empresa como S.A. ou companhia fechada, a empresa que apresentar no exercício social anterior um ativo total de R\$ 240.000.000,00 ou obteve receita bruta no ano anterior no valor de R\$ 300.000.000,00 é obrigada observar as disposições da lei 6.404/64, sobre escrituração e elaboração de demonstrações financeiras e a obrigatoriedade de auditoria independente por auditor registrado na Comissão de Valores Mobiliários.

Outra observação a ser feita é que a companhia fechada com patrimônio líquido, na data do balanço, inferior a R\$ 2.000.000,00 (dois milhões de reais) não é obrigada à elaboração e publicação da demonstração dos fluxos de caixa. A seguir são apresentadas as alterações pertinentes na lei 6404/74:

Art. 176. Ao fim de cada exercício social, a diretoria fará elaborar, com base na escrituração mercantil da companhia, as seguintes demonstrações financeiras, que deverão exprimir com clareza a situação do patrimônio da companhia e as mutações ocorridas no exercício:

- I - balanço patrimonial;
- II - demonstração dos lucros ou prejuízos acumulados;
- III - demonstração do resultado do exercício; e
- IV – demonstração dos fluxos de caixa; e [\(Redação dada pela Lei nº 11.638 de 2007\)](#)
- V – se companhia aberta, demonstração do valor adicionado. [\(Incluído pela Lei nº 11.638, de 2007\)](#)

§ 6º A companhia fechada com patrimônio líquido, na data do balanço, inferior a R\$ 2.000.000,00 (dois milhões de reais) não será obrigada à elaboração e publicação da demonstração dos fluxos de caixa. [\(Redação dada pela Lei nº 11.638, de 2007\)](#)

Além das demonstrações obrigatórias, pode-se salientar outros relatórios gerenciais geradas pelas informações fornecidas pela contabilidade que refletem a saúde da entidade e que sinalizam ao gestor sobre o passado, presente e futuro desta no ambiente econômico, como por exemplo, planilhas gerenciais, relatórios e pagamentos a fornecedores e etc.

2.2 ASPECTOS GERAIS SOBRE O FLUXO DE CAIXA

Neste tópico apresentam-se os conceitos, as funções e os objetivos do fluxo de caixa das empresas, também há a conceituação de equivalente de caixa.

2.2.1 Conceito de fluxo de caixa

Para Santos (2001, pg. 57) “o fluxo de caixa é um instrumento de planejamento financeiro que tem por finalidade fornecer estimativas da situação de caixa da empresa em determinado período de tempo à frente”. Ressalta ainda o autor que a “necessidade de planejamento de caixa está presente tanto nas empresas com dificuldades financeiras, como naquelas bem capitalizadas”.

Na gestão empresarial existem algumas variáveis que devem ser levadas em consideração, como por exemplo, administração de recursos humanos, o setor de vendas, análise do mercado, produção, enfim, a execução dessas atividades vai resultar em um processo que passa pela área financeira, no qual esta recebe e envia valores monetários, por tanto, tornando a gestão financeira muito importante para as empresas.

Fluxo de caixa é um instrumento que auxilia a gestão da empresa em seu planejamento e controle das decisões e evidencia as entradas e saídas de valores monetários, não podendo confundir o fluxo de caixa com circulação da conta caixa na contabilidade, o fluxo de caixa segundo Zdanowicz (2002, pg. 26) “utiliza as seguintes contas: caixa, banco, aplicações financeiras de resgate imediato da empresa, ou seja, consiste no fluxo do disponível”, ainda o mesmo autor conceitua o fluxo de caixa como “um instrumento que relaciona o futuro conjunto de ingressos e de desembolsos de recursos financeiros pela empresa em determinado período”.

No entendimento de Assaf Neto e Silva (1997, p.38) fluxo de caixa “é um processo pelo qual a empresa gera e aplica seus recursos de caixa determinados pelas várias atividades desenvolvidas”, onde as atividades da empresa dividem-se em operacionais, de investimento e de financiamento.

2.2.2 Objetivo do fluxo de caixa

O fluxo de caixa tem por objetivo “informar a capacidade que a empresa tem para liquidar seus compromissos financeiros a curto prazo e longo prazo”. SANTOS (2001 pg. 57).

De acordo com Zdanowicz (2002, pg. 41) o principal objetivo do fluxo de caixa é “dar uma visão das atividades desenvolvidas, bem como as operações financeiras que são realizadas diariamente, no grupo do ativo circulante, dentro das disponibilidades, e que representam o grau de liquidez da empresa”. Dentro dos objetivos Zdanowicz relaciona alguns objetivos básicos do fluxo de caixa:

- Permitir o planejamento dos desembolsos de acordo com as disponibilidades de caixa, evitando-se o acúmulo de compromissos vultosos em época de pouco encaixe;
- Analisar a viabilidade de serem comprometidos os recursos pela empresa;
- Participar e integrar todas as atividades da empresa, facilitando assim os controles financeiros;
- Desenvolver o uso eficiente e racional do disponível;
- Verificar a possibilidade de aplicar possíveis excedentes de caixa; e
- Programar os ingressos e os desembolsos de caixa, de forma criteriosa, permitindo determinar o período em que deverá ocorrer carência de recursos e o montante, havendo tempo suficiente para as medidas necessárias.

O fluxo de caixa é um instrumento indispensável para a gestão da empresa, os recursos financeiros têm que ser bem gerenciados para a tomada de decisão. Deve-se salientar que os principais fatores que determinam o fluxo de caixa são: o prazo de cobertura, sua utilização e a disponibilidade de recursos humanos e materiais a serem alocados a sua implantação e operação. (SANTOS, 2001).

O prazo de cobertura é o saldo de caixa projetado para um determinado tempo. E pode ser classificado de curto, médio e longo prazo. O foco principal deste trabalho é o prazo de cobertura de longo prazo, o qual tem prazo superior a um ano. (SANTOS, 2001, pg. 59).

A figura 2 mostra a relação do fluxo de caixa com as atividades das empresas:

É importante destacar que os investimentos em equivalente de caixa, segundo Iudícibus, Martins e Gelbcke (1999, pg. 399) “não são investimentos de caráter especulativo, de obter lucros anormais com tais aplicações, mas apenas o de assegurar a estas sobras temporárias a remuneração correspondente ao preço do dinheiro no mercado”. Portanto, equivalente de caixa serve como forma de remunerar as atividades operacionais, também como meio de pagamento das obrigações e como forma de reserva para futuros desembolsos.

2.3 ASPECTOS CONCEITUAIS SOBRE A DFC

Nesta seção apresenta-se o conceito de DFC, objetivos, classificação, métodos de elaboração e também a apresentação dos indicadores financeiros extraídos na DFC.

2.3.1 Demonstração do fluxo de caixa

A DFC é um instrumento importante para a gestão financeira, pois, para Perez Júnior e Begalli (1999, pg.178) esta demonstração “já comprovou ser de extrema utilidade para diversos fins, dada sua simplicidade e abrangência, principalmente no que diz respeito aos aspectos financeiros que envolvem o dia-a-dia da entidade”.

Iudícibus e Marion (2002, p. 218) afirmam que a DFC “demonstra a origem e a aplicação de todo o dinheiro que transitou pelo caixa em um determinado período e o resultado desse fluxo”.

O interesse dos usuários pela demonstração do fluxo de caixa vem aumentando, pois segundo estes autores este interesse é “atribuído à maior facilidade de entendimento das informações que enfocam o caixa e à sua objetividade”. Vale ressaltar que a DFC apresenta-se pelo regime de caixa, enquanto as demais demonstrações contábeis são apresentadas respeitando o princípio da competência.

Para esclarecer melhor regime de caixa e competência, Iudícibus e Marion (2002, pg. 105) explicam:

...escolhe-se como ponto normal de reconhecimento da receita aquele em que produtos ou serviços são transferidos ao cliente e não, propriamente, o ponto em que dinheiro é recebido por esta transferência (daí os nomes genéricos, quando nos referimos à receita e despesa, de regime da competência como oposto ao regime de caixa).

Franco (1997, pg. 53) entende que:

“quando considerados, na apuração dos resultados do exercício, apenas os pagamentos e recebimentos efetuados, temos o chamado regime de caixa e quando registra, como resultado de exercício, o que é de sua competência, sem considerar se foram pagos ou recebidos, fica configurado o chamado regime de competência”

De acordo com o pronunciamento técnico (CPC N° 3, pg. 3) a

Demonstração dos fluxos de caixa, quando usada em conjunto com as demais demonstrações contábeis, proporciona informações que habilitam os usuários a avaliar as mudanças nos ativos líquidos de uma entidade, sua estrutura financeira (inclusive sua liquidez e solvência) e sua capacidade para alterar os valores e prazos dos fluxos de caixa, a fim de adaptá-los às mudanças nas circunstâncias e oportunidades.

A DFC é um importante instrumento gerencial, pois mostra a necessidade de caixa da empresa, evidencia o confronto entre as entradas e saídas de caixa, se ocorrem sobras ou faltas de dinheiro, permitindo à administração da empresa decidir com antecedência se a empresa deve tomar recursos ou aplicá-los.

2.3.2 Objetivos da demonstração do fluxo de caixa

O gerenciamento dos recursos financeiros de uma empresa está relacionado diretamente com a DFC, pois, a movimentação financeira transita na estrutura da DFC, tornando-se um instrumento importante na análise da situação financeira das empresas.

A DFC indica a origem de todo o dinheiro que entrou no caixa no período de competência e, ainda, o resultado do fluxo financeiro.

A DFC de acordo com Martins e Iudicibus (2003, pg.220) “propicia a elaboração de um melhor planejamento financeiro, de forma que não ocorra excesso de caixa, mas que se mantenha o montante necessário para fazer face aos compromissos imediatos”.

Para se reconhecer a capacidade que uma empresa possui de gerar caixa é necessário a utilização de um fluxo de caixa que evidencia os recebimentos e pagamentos de um determinado período. Daí a importância das Demonstrações de fluxos de caixa, que têm como propósito maior facilitar o entendimento do desempenho financeira da empresa, sua capacidade de gerar fluxos líquidos positivos de caixa, de honrar seus compromissos, sua estabilidade e perspectiva de liquidez.

Segundo o Pronunciamento Técnico do CPC n° 3 pg. 3:

As informações dos fluxos de caixa de uma entidade são úteis para proporcionar aos usuários das demonstrações contábeis uma base para avaliar a capacidade de a entidade gerar caixa e equivalentes de caixa, bem como suas necessidades de

liquidez. As decisões econômicas que são tomadas pelos usuários exigem avaliação da capacidade de a entidade gerar caixa e equivalentes de caixa, bem como da época e do grau de segurança de geração de tais recursos.

Um planejamento de caixa é extremamente importante, pois, reduz significativamente o risco de insolvência da empresa, a administração de caixa. Segundo Santos (2001, pg. 57) “começa com o planejamento de caixa que consiste em estimar a evolução dos saldos de caixa da empresa”, essas informações servem o gestor no processo de decisão.

Santos, Schmidt e Fernandes (2006, pg. 81) observam que a DFC:

É útil para fornecer aos usuários das demonstrações contábeis uma base para avaliar a capacidade de a entidade gerar recursos financeiros ou caixa e os equivalentes de caixa, bem como as necessidades de a entidade utilizar esses recursos.

No entendimento de Gitman (2002, pg. 75) a DFC “fornece uma visão dos fluxos de caixa da empresa relativos às atividades operacionais, de investimento e de financiamento e reconcilia-os com as variações em seu caixa e títulos negociáveis, durante o período em questão”.

Segundo Iudicibus, Martins e Gelbcke (1999, pg. 398) “o objetivo primário da DFC é prover informações relevantes sobre os pagamentos e recebimentos em dinheiro, de uma empresa, ocorridos durante um determinado período”.

Matarazzo e Pestana (1994, pg. 370) expõem os principais objetivos da DFC:

- Avaliar alternativas de investimento;
- Avaliar e controlar ao longo do tempo as decisões importantes que são tomadas na empresa, com reflexos monetários;
- Avaliar as situações presente e futura do caixa na empresa, posicionando-a para que não chegue a situações de liquidez; e
- Certificar que os excessos momentâneos de caixa estão sendo devidamente aplicados.

Para um melhor entendimento a informação contida na DFC tem que ser analisadas em conjunto com as demais demonstrações contábeis, tornando uma base segura para a tomada de decisão dos usuários. (IUDICIBUS, MARTINS E GELBCKE, 1999, pg. 398)

Os mesmos autores ainda relacionam o que a DFC podem avaliar:

- A capacidade de a empresa gerar futuros fluxos líquidos positivos de caixa;
- A capacidade de a empresa honrar seus compromissos, pagar dividendos e retornar empréstimos obtidos;
- A liquidez, solvência e flexibilidade financeira da empresa;

- A taxa de conversão de lucro em caixa
- A performance operacional de diferentes empresas, por eliminar os efeitos de distintos tratamentos contábeis para as mesmas transações e eventos;
- O grau de precisão das estimativas passadas de fluxo futuros de caixa; e
- Os efeitos, sobre a posição financeira da empresa, das transações de investimento e de financiamento etc.

Para o cumprimento do objetivo da DFC segundo Iudicibus, Martins e Gelbcke (1999, pg. 398) o modelo de DFC deve atender os seguintes requisitos:

- Evidenciar o efeito periódico das transações de caixa segregadas por atividades operacionais, atividades de investimento e atividade de financiamento, nesta ordem;
- Evidenciar separadamente, em notas explicativas que façam referência a DFC, as transações de investimento e financiamento que afetam a posição patrimonial da empresa, mas não impactam diretamente os fluxos de caixa do período;
- Reconciliar o resultado líquido (lucro/prejuízo) com o caixa líquido gerado ou consumido nas atividades operacionais.

Pode-se afirmar que o fluxo de caixa é um instrumento de controle e análise financeira que juntamente com as demais demonstrações contábeis torna-se efetivamente um instrumento de apoio à tomada de decisões de caráter financeiro, auxiliando num melhor desempenho financeiro das empresas.

2.3.3 Classificação das movimentações de caixa por atividade

A lei 11.638 de 2007 que altera e revoga dispositivos da lei 6.404/64 traz o seguinte texto quanto à estrutura da DFC:

“Demonstrações dos Fluxos de Caixa e do Valor Adicionado

[Art. 188](#). As demonstrações referidas nos incisos IV e V do caput do art. 176 desta Lei indicarão, no mínimo:

I – demonstração dos fluxos de caixa – as alterações ocorridas, durante o exercício, no saldo de caixa e equivalentes de caixa, segregando-se essas alterações em, no mínimo, 3 (três) fluxos:

a) das operações;

- b) dos financiamentos; e
- c) dos investimentos.

Com relação à classificação das movimentações de caixa o pronunciamento técnico do CPC N.3 pg. 5 diz que:

A entidade deve apresentar seus fluxos de caixa decorrentes das atividades operacionais, de investimento e de financiamento da forma que seja mais apropriada a seus negócios. A classificação por atividade proporciona informações que permitem aos usuários avaliar o impacto de tais atividades sobre a posição financeira da entidade e o montante de seu caixa e equivalentes de caixa. Essas informações podem também ser usadas para avaliar a relação entre essas atividades.

De acordo com Iudicibus, Martins e Gelbcke (2003, pg. 400) as atividades operacionais estão relacionadas “com a produção e entrega de bens e serviços e os eventos que não sejam definidos como atividades de investimento e financiamento”, contudo, segundo os mesmos autores as principais movimentações que afetam as atividades operacionais são:

Entradas:

- a) recebimentos pela venda de produtos e serviços a vista, ou das duplicatas correspondentes no caso de vendas a prazo. Incluem também os recebimentos decorrentes dos descontos das duplicatas emitidas contra as vendas a prazo efetuadas, de curto ou longo prazo, em bancos;
- b) recebimento de juros sobre empréstimos concedidos e sobre aplicações financeiras em outras atividades;
- c) recebimento de dividendos pela participação no patrimônio de outras empresas;
- d) qualquer outro recebimento que não se origine de transações definidas como atividades de investimento ou financiamento, como: recebimentos decorrentes de sentenças judiciais; indenizações por sinistros, exceto aquelas diretamente relacionadas a atividades de investimento ou financiamento, como o sinistro em uma edificação, por exemplo; e reembolso de fornecedores.

Saídas:

- a) pagamentos a fornecedores referentes ao suprimento da matéria-prima para a produção ou de bens para revenda. Se compra a prazo, pagamento do principal dos títulos de curto e longo prazos a que se refere a compra;
- b) pagamentos aos fornecedores de outros insumos de produção, incluídos os serviços prestados por terceiros;
- c) pagamentos aos governos federal, estadual e municipal, referentes a impostos, multas, alfândega e outros tributos e taxas;
- d) pagamento dos juros (despesas financeiras) dos financiamentos (comerciais e bancários) obtidos.

As atividades de investimentos segundo Campos Filho (1999, pg. 27), “trata dos recebimentos e pagamentos que afetam as atividades de investimentos”, o mesmo autor expõe as principais operações que afetam as atividades de investimentos:

- a) Aplicações financeiras (com prazo de vencimento maior que três meses)
- b) Empréstimos concedidos
- c) Participações em controladas/coligadas
- d) Participações em outras empresas
- e) Terrenos

- f) Obras civis
- g) Moveis – utensílios – instalações
- h) Máquinas – ferramentas – equipamentos
- i) Veículos de uso
- j) Equipamentos de processamento de dados
- k) Software/aplicativos de informática

No que se refere às atividades de financiamento, Santos, Schmidt e Fernandes (2006, pg. 85) destacam as principais operações:

Entradas:

- a) Rendimentos provenientes da emissão de ações
- b) Rendimentos provenientes da emissão de dívida (curto e longo prazo)
- c) Doações recebidas em dinheiro por instituições sem fins lucrativos com fins de serem mantidas em longo prazo.

Saídas:

- a) Pagamento de dividendos
- b) Recompra de ações da companhia
- c) Reembolso de principal de dívidas, incluindo leasing de capital

As seguir é exposto um esquema que resume as atividades que pertencem a DFC:

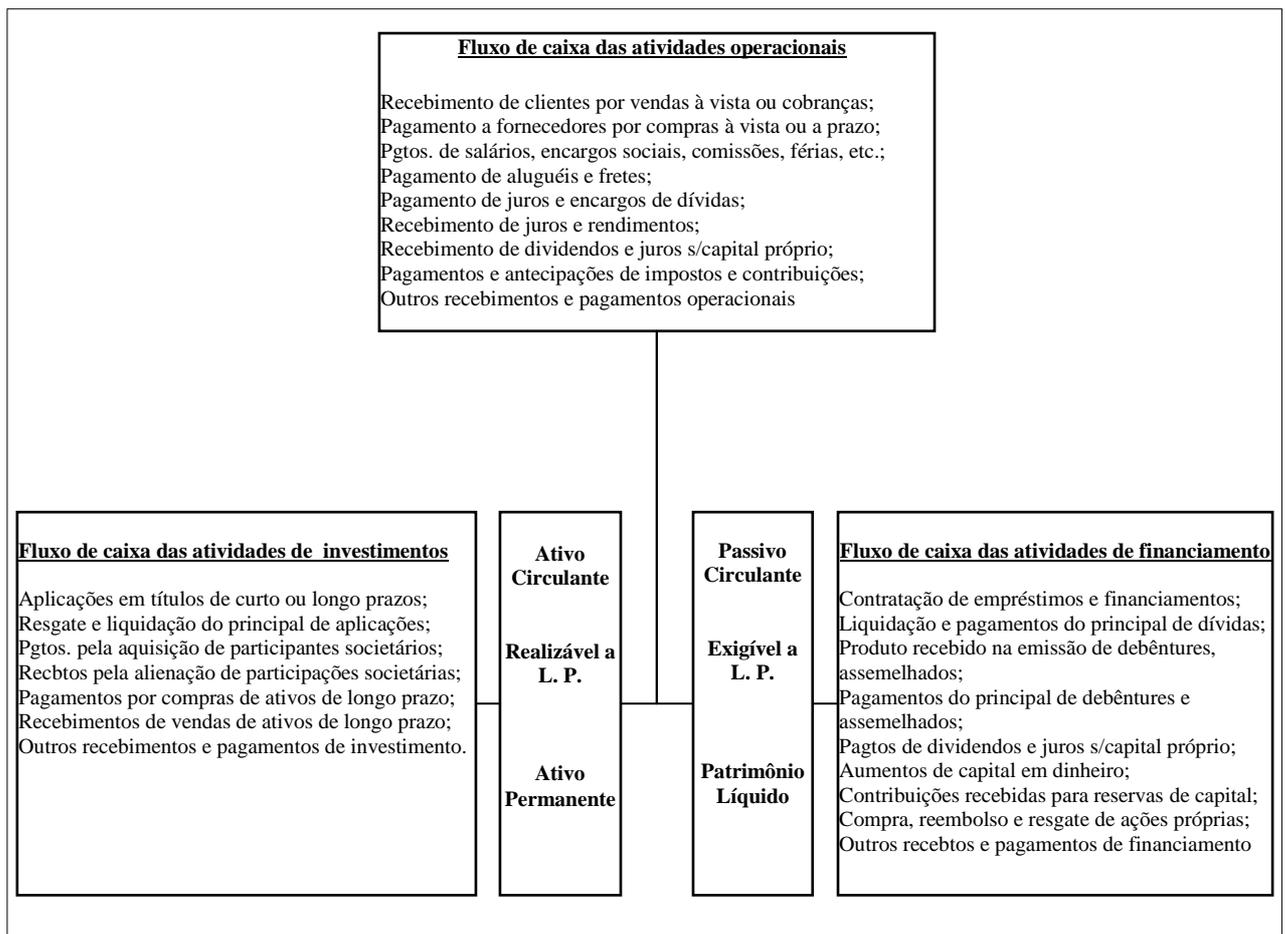


Figura 3: Classificação das transações que envolvem caixa por atividades
 Fonte: Braga e Marques (2001, pg. 09)

A figura 3 representa as transações que envolvem caixa por atividades, sejam elas operacionais, investimentos e financiamentos. Verifica-se que na atividade operacional pode ser feita transações que tem origem no lado do ativo quanto pelo lado do passivo. O mesmo não acontece com o fluxo de caixa das atividades de investimento no qual ocorre movimentação somente pelo ativo e as atividades de financiamentos, esta com origem de suas transações do lado do passivo.

2.3.4 Métodos de elaboração da demonstração do fluxo de caixa

A movimentação das disponibilidades de uma empresa de um determinado período está estruturado na DFC através dos fluxos das atividades operacionais, investimento e financiamento. Segundo Iudicibus e Marion (2002, pg. 222) podem ser expostas as informações da DFC de uma empresa por dois métodos o direto e o indireto.

2.3.4.1 Método direto

No que diz respeito ao método direto Santi Filho (1999, pg. 29) que este método “consiste em classificar os recebimentos e pagamentos de uma empresa utilizando as partidas dobradas”, ou seja, gera informações com critérios técnicos.

No entendimento de Padoveze (2007, pg. 383) pelo método direto “estrutura-se a DFC a partir das movimentações efetivadas financeiramente e constantes nos relatórios contábeis do caixa e equivalentes de caixa”.

Já Iudicibus, Martins e Gelbcke (2003, pg. 402) entendem que o método direto “explicita as entradas e saídas brutas de dinheiro dos principais componentes das atividades operacionais, como os recebimentos pelas vendas de produtos e serviços e os pagamentos de fornecedores e empregados”.

Segundo o CRCSP (1997, pg.112), o fluxo de caixa referente às transações originadas de atividades operacionais pode ser apresentado tanto pelo método direto quanto pelo indireto. O Financial Accounting Standard Board (FASB), através da FAS-95, incentiva mas não exige a utilização do método direto. Com relação às transações originadas em atividades de investimento ou financiamento, tanto pelo método direto como pelo indireto não apresentam diferença na demonstração do fluxo de caixa. A figura 4 é apresenta um modelo de DFC pelo método direto:

Demonstração do fluxo de caixa

Fluxo de caixa das atividades operacionais	
Recebimentos de clientes	XX
Dividendos recebidos	XX
Juros recebidos	XX
Recebimentos por reembolso de seguros	XX
Recebimentos de lucros de subsidiárias	XX
Pagamentos a fornecedores	(XX)
Pagamentos de salários e encargos	(XX)
Imposto de renda pago	(XX)
Juros pagos	(XX)
Outros recebimentos ou pagamentos líquidos	XX
Caixa Líquido das Atividades Operacionais	XX
Fluxo de caixa das atividades de investimentos	
Alienação de imobilizado	XX
Alienação de investimentos	XX
Aquisição de imobilizado	(XX)
Aquisição de investimentos	(XX)
Caixa Líquido das Atividades de Investimentos	XX
Fluxo de caixa das atividades de financiamentos	
Integralização de capital	XX
Juros recebidos de empréstimos	XX
Empréstimos tomados	XX
Aumento do capital social	XX
Pagamento de <i>leasing</i> (principal)	(XX)
Pagamentos de lucros e dividendos	(XX)
Juros pagos por empréstimos	(XX)
Pagamentos de empréstimos/debêntures	(XX)
Caixa Líquido das atividades de financiamentos	XX
Aumento ou redução de Caixa Líquido	XX
Saldo de Caixa – Inicial	XX
Saldo de Caixa – Final	XX

Figura 4 - Demonstração do fluxo de caixa - Método direto
 Fonte: adaptado do CRCSP (1997, pg.114), baseado no FAS-95

Como se verifica, a demonstração pelo método direto facilita ao usuário avaliar a solvência da empresa, pois evidencia toda a movimentação dos recursos financeiros, as origens dos recursos de caixa e onde eles foram aplicados.

2.3.4.2 Método indireto

Para Iudicibus e Marion (2002, pg. 222) o método indireto consiste em “estender a análise dos itens não-circulantes (própria daquele relatório) as alterações ocorridas nos itens circulantes, excluindo, as disponibilidades, cuja variação se está buscando demonstrar”. Ainda complementam que por este método “são efetuados ajustes ao lucro líquido pelo valor das operações consideradas como receita e despesas, mas que, não afetaram as disponibilidades, de forma que se possa demonstrar a sua variação no período”.

De acordo com Iudicibus, Martins e Gelbcke (2003, pg. 402) “o método indireto faz a conciliação entre o lucro líquido e o caixa gerado pelas operações, por isso, é também chamado de método de reconciliação”.

A figura 6 apresenta a demonstração do fluxo de caixa pelo método indireto.

Fluxo de caixa das atividades operacionais		
Resultado Líquido		xx
(±) Ajustes que não representam entrada ou saída de caixa	xx	
(+) Depreciação e amortização	xx	
(+) Provisão para devedores duvidosos	xx	
(±) Resultado na venda do imobilizado	xx	
(±) Aumento ou diminuição do contas a receber	xx	
(±) Aumento ou diminuição de estoques	xx	
(±) Aumento ou diminuição de despesas antecipadas	xx	
(±) Aumento ou diminuição de passivos	xx	
(±) Aumento ou diminuição de outros ajustes	xx	
(=) Caixa Líquido das Atividades Operacionais		xx
Fluxo de caixa das atividades de investimentos		
(+) Alienação de imobilizado	xx	
(+) Alienação de investimentos	xx	
(-) Aquisição de imobilizado	xx	
(-) Aquisição de investimentos	xx	
(=) Caixa Líquido das Atividades de Investimentos		xx
Fluxo de caixa das atividades de financiamentos		
(+) Integralização de capital	xx	
(+) Juros recebidos de empréstimos	xx	
(+) Empréstimos tomados		xx
(+) Aumento do capital social	xx	
(-) Pagamento de <i>leasing</i> (principal)	xx	
(-) Pagamentos de lucros e dividendos	xx	
(-) Juros pagos por empréstimos		xx
(-) Pagamentos de empréstimos/debêntures	xx	
(=) Caixa Líquido das atividades de financiamentos	xx	
(=) Aumento ou redução de Caixa Líquido		xx

Figura 5 - Demonstração do fluxo de caixa - Método indireto

Fonte: adaptado do CRCSP (1997:114), baseado no FASB-95

2.3.5 Principais indicadores financeiros na análise da demonstração do fluxo de caixa

As demonstrações contábeis fornecem por meio de indicadores, informação relevante sobre as situações das empresas e a DFC não é diferente. Ela serve de base para cálculo de muitos indicadores financeiros. A importância da DFC está ligada ao fato que através dela se conhece a situação financeira da entidade e sua análise tem como consequência a diminuição dos riscos e aumento de oportunidades.

Conforme Braga e Marques (2001, pg. 11) “as medidas mais importantes encontram-se dispostas em quatro categorias distintas”, que segundo os autores seriam:

- Quociente de cobertura de caixa
- Quocientes de qualidade do resultado
- Quocientes de dispêndio de capital
- Retornos do fluxo de caixa

A análise mais detalhada de cada indicador resulta numa melhor visualização da situação financeira da empresa, como também deixa mais claro os resultados obtidos com a gestão dos recursos financeiros. A seguir são relacionados os principais indicadores que podem ser extraídos numa análise da demonstração do fluxo de caixa de acordo com as categorias expostas acima:

2.3.5.1 Quociente de cobertura de caixa

- Cobertura de juros com caixa

Braga e Marques (2001, pg. 11) citam que este indicador “informa o numero de períodos que as saídas de caixa pelos juros, são cobertas pelos fluxos de FCO, excluindo destes os pagamentos de juros e encargos de dividas, imposto de renda e contribuição social sobre o lucro”. E pode ser obtido através da expressão:

Cobertura de juros com caixa = FCO antes de juros e impostos ÷ Juros

- Cobertura de dividas com caixa

Serve para verificar a capacidade da entidade em honrar suas obrigações seja ela passivo circulante ou exigível a longo prazo (BRAGA E MARQUES, 2001, pg. 12).

Este indicador pode ser calculado por meio da expressão:

Cobertura de dividas com caixa = (FCO - dividendo total) ÷ exigível

- Cobertura de dividendos com caixa

Este indicador fornece evidência da capacidade da entidade em pagar dividendos preferenciais e ordinários atuais com base o fluxo de caixa operacional. Segundo Braga e

Marques (2001, pg. 13) esse indicador “avalia a habilidade da empresa em pagar todos os dividendos estabelecidos no estatuto social”. E o seu calculo pode ser feito da seguinte maneira:

Cobertura de dividendos com caixa = FCO ÷ dividendos totais

2.3.5.2 Quocientes de qualidade do resultado

➤ Nível de recebimento de vendas

A qualidade de vendas é muito importante para as empresas é onde as empresas conseguem maiores captação de recursos para financiar seus encargos, no entendimento de Braga e Marques (2001, pg. 13) este indicador “mede a proporção de das receitas de vendas convertidas em dinheiro no exercício pelos recebimentos e cobranças de clientes. Marion (2007, pg. 217) complementa que “esse indicador é bom quando comparado com anos anteriores e com as concorrentes, avaliando-se política de créditos, cobrança etc”. Pode ser calculado da seguinte forma:

Nível de recebimento de vendas = Caixa gerado nas vendas ÷ vendas

➤ Qualidade do resultado

Este indicador fornece a medida da dispersão entre os fluxos de caixa e os lucros divulgados. Compara fluxos FCO ao resultado operacional, como pode ser visto a seguir:

Qualidade do resultado = FCO ÷ resultado operacional

2.3.5.3 Quocientes de dispêndio de capital

➤ Aquisições de capital

No entendimento de Braga e Marques (2001, pg. 14) este indicador “sinaliza a habilidade do negócio em atender suas necessidades por dispêndios líquidos de capital (aquisições menos alienações), sendo calculado como fluxos de caixa operacionais retidos divididos pelas aquisições líquidas de ativos produtivos (imobilizado)”. Deste modo calcula-se este indicador da seguinte maneira:

Aquisições de capital = (FCO – dividendo total) ÷ caixa pago por investimentos de capital

➤ Investimento x financiamento

Esta relação pode revelar como os investimentos vêm sendo financiados. Ela compara os fluxos líquidos necessários para finalidades de investimento, com aqueles gerados de financiamento, BRAGA E MARQUES (2001, pg. 15).

Calcula-se da seguinte forma:

Investimento x financiamento = Fluxo de caixa líquido para investimentos ÷ Fluxo de caixa líquido de financiamentos

2.3.5.4 Quocientes de retornos do fluxo de caixa

➤ Fluxo de caixa por ação

O uso deste indicador é muito importante para a tomada de decisão, pois sinaliza o fluxo de caixa operacional atribuível a cada ação ordinária. Este indicador serve para fins da avaliação de retornos sobre os preços das ações, BRAGA E MARQUES (2001, pg. 15).

Entretanto, o Comitê de procedimentos Contábeis através do procedimento técnico nº 3, entende que “as demonstrações contábeis não devem divulgar o valor dos fluxos de caixa por ação”. Essa postura tomada pelo comitê tem seus aspectos técnicos e legais, não cabendo a este trabalho discuti-los, porém, pode-se contribuir gerencialmente na busca e análise deste indicador, pois o mesmo é muito importante para a gestão financeira. É obtido pela expressão:

Fluxo de caixa por ação = (FCO – dividendos preferenciais) ÷ quantidade de ações ordinárias

A respeito de indicadores que avaliam a recuperação (retorno) sobre o investimento pode ser evidenciado o *retorno de caixa sobre os ativos* que pode ser obtido por meio da seguinte expressão: FCO antes juros e impostos dividido pelos ativos totais, nesta relação evidencia-se a geração de caixa sobre os ativos totais. No que concerne ao *retorno sobre o passivo e patrimônio líquido*, este pode ser calculado da seguinte maneira: FCO dividido PL mais o exigível a longo prazo, sendo este indicador financeiro responsável pela sinalização do

potencial de recuperação de caixa do negócio para os credores e investidores, (BRAGA E MARQUES (2001, pg. 16).

Ainda a respeito dos indicadores financeiros que avaliam a recuperação de caixa, pode ser observado o *retorno sobre o patrimônio líquido* que esclarece aos acionistas a taxa de recuperação de caixa de seus investimentos, podendo ser extraído calculando o FCO e dividendo pelo patrimônio líquido da entidade.

Os indicadores até aqui expostos fornecem base para a orientação sobre a capacidade da entidade em gerar fluxos de caixa futuros. Cabe ressaltar que na análise das demonstrações contábeis não deve ser utilizado indicadores financeiros de forma isolada, tem que compará-los e tirar o máximo de suas relações. É com o auxílio das demonstrações contábeis e seus relatórios gerenciais que atingimos um melhor aproveitamento do conjunto de indicadores aqui apresentados.

Diante do exposto é apresentado a seguir os aspectos práticos em relação à pesquisa realizada na empresa Beta S.A..

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Apresentação da empresa analisada

A empresa Beta S.A. começou suas atividades em 16 de setembro de 1961, tendo uma evolução cada vez mais significativa. Se destaca no âmbito mundial pelo seu desempenho e a qualidade dos produtos.

Maior fabricante latino americana de motores elétricos e uma das maiores do mundo, a Beta S.A. atua nas áreas de comando e proteção, variação de velocidade, automação de processos industriais, geração e distribuição de energia e tintas e vernizes industriais.

A produção se concentra em 8 parques fabris localizados no Brasil (Guaramirim, Blumenau, São Bernardo, Manaus, Gravataí, Hortolândia e dois em Jaraguá do Sul, sede da empresa), três na Argentina, dois no México, um na China e Portugal.

Produzindo inicialmente motores elétricos, a Beta S.A. começou a ampliar suas atividades a partir da década de 80, com a produção de componentes eletroeletrônicos, produtos para automação industrial, transformadores de força e distribuição, tintas líquidas e em pó e vernizes eletroisolantes. Cada vez mais a empresa se consolida não só como fabricante de motores, mas como fornecedor de sistemas elétricos industriais completos.

Líder do mercado de motores elétricos na América Latina e figurando entre os cinco maiores fabricantes do mundo, a Beta S.A. exporta para mais de 100 países e conta com filiais e assistência técnica nos cinco continentes, sendo assim uma empresa que serve de referência para pesquisas e estudos.

3.2 Demonstração do fluxo de caixa da Beta S.A dos anos de 2005, 2006 e 2007

Para uma melhor entendimento do estudo até aqui apresentado se torna indispensável a divulgação da DFC da Beta S.A., portanto, a seguir é apresentada a demonstração do fluxo de caixa da Beta S.A. dos anos 2005, 2006 e 2007.

DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA – Beta S.A			
	Consolidado		
	2005	2006	2007
<u>ATIVIDADES OPERACIONAIS</u>			
Resultado líquido do exercício	374.812.411	502.830.832	574.984.109
Imposto de renda e contribuição social	125.962.351	148.637.199	237.817.828
Depreciações e amortizações	95.905.021	105.273.439	156.633.259
Equivalência patrimonial	(27.141.310)	(6.428.302)	(2.538.920)
Perda com ativo baixado	1.132.315	1.216.101	1.046.965
Participação dos minoritários	-	1.032.905	4.603.424
Provisões:			
Participação no resultado dos colaboradores	51.597.989	70.747.913	81.632.376
Outros	6.962.712	39.880.407	45.406.942
Variação do capital de giro	41.091.950	(168.290.984)	(5.324.163)
Caixa líquido de atividades operacionais	670.323.439	694.899.510	1.094.261.820
<u>ATIVIDADES DE INVESTIMENTOS</u>			
Títulos do governo de longo prazo	(23.566.670)	150.805.100	-
Investimentos	(272.515)	(9.096.735)	(57.021.309)
Redução de investimentos	-	93.000.000	-
Imobilizado	(145.931.707)	(111.292.749)	(318.204.235)
Diferido	(22.593.875)	(36.406.420)	(29.627.506)
Aplicação de caixa em investimentos	(192.364.767)	87.009.196	(404.853.050)
<u>ATIVIDADES DE FINANCIAMENTOS</u>			
Financiamento de capital de giro	464.762.632	(35.094.154)	220.569.697
Financiamento de longo prazo	90.256.047	98.892.415	99.249.680
Recebo de dividendos/juros s/capital próprio	5.568.009	4.086.976	-
Pgto de dividendos/juros s/capital próprio	(160.709.020)	(278.508.993)	(257.970.268)
Pgto partic. no resultado dos colaboradores	(57.815.532)	(60.608.939)	(85.384.331)
Pgto imposto de renda e contribuição social	(131.172.328)	(143.751.427)	(207.404.914)
Caixa líquido de atividades de financiamento	210.889.808	(414.984.122)	(230.940.136)
Variação no saldo de caixa	688.848.480	366.924.584	458.468.634
Saldo de caixa			
No início do período	660.729.865	1.349.578.345	1.716.502.929
No final do período	1.349.578.345	1.716.502.929	2.174.971.563

Quadro 3: Demonstração do fluxo de caixa da Beta S.A dos anos de 2005, 2006 e 2007
Fonte: Empresa Beta S.A.

Tornando facilitar o entendimento dos cálculos dos índices, é apresentada uma tabela que extrai os principais valores contidos nas demonstrações contábeis da Beta S.A., resultando assim numa maior transparência dos resultados obtidos.

Os principais dados extraídos das demonstrações contábeis da Beta S.A, para o auxílio nos cálculos dos indicadores são:

Item	2005	2006	2007
Juros no período	164.584.184,00	191.500.000,00	212.463.007,00
Dividendos/Juros s/capital próprio	165.487.633,00	228.776.206,00	298.822.344,00
Receita operacional líquida	2.514.907.912,00	3.009.387.614,00	3.749.177.361,00
Resultado operacional líquido	477.216.418,00	616.522.949,00	726.950.417,00
Ativo total	3.308.637.187,00	3.743.195.480,00	4.873.844.874,00
Passivo circulante	1.415.505.952	1.450.093.653	2.158.053.387,00
Passivo exigível	520.838.141,00	739.345.201,00	886.617.644,00
Patrimônio líquido	1.371.462.683,00	1.552.723.721,00	1.829.173.843,00

Quadro 1: principais valores extraídos das Demonstrações contábeis da Beta S.A
Fonte: Empresa Beta S.A.

3.3 Cálculos dos indicadores financeiros

A seguir são apresentados os gráficos com os cálculos dos indicadores financeiros da empresa Beta S.A. dos anos de 2005, 2006 e 2007.

Cobertura de juros com caixa

Este indicador pode ser calculado da seguinte forma: Fluxo de caixa operacional antes de juros e impostos ÷ Juros. Conforme gráfico mostrado a seguir:

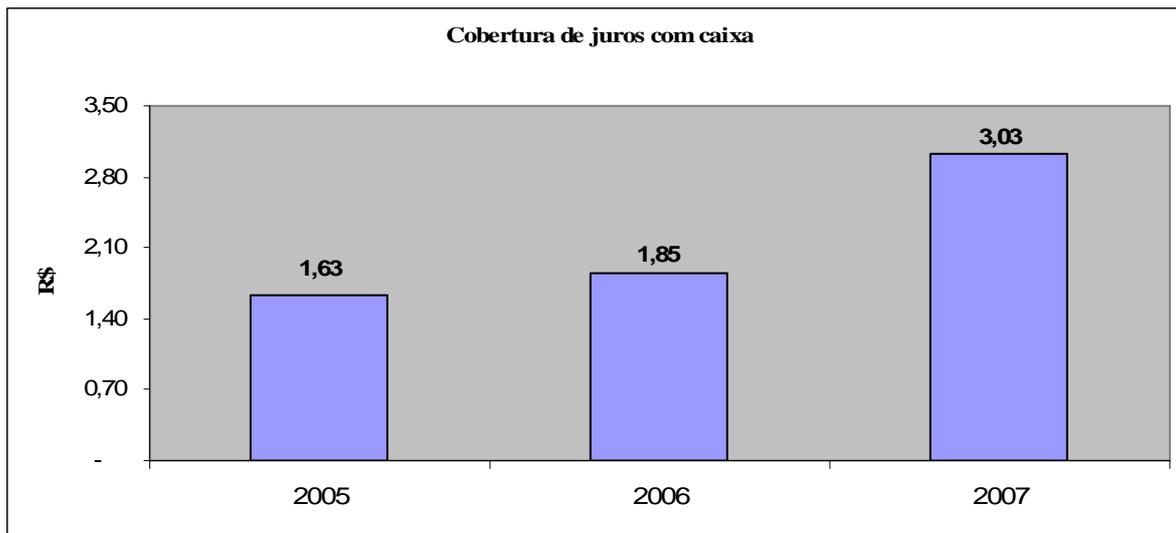


Gráfico 1: Cobertura de juros com caixa de 2005 a 2007

Fonte: Dados pesquisados

Observa-se a evolução da cobertura pelo caixa sobre os juros. Onde tem-se no ano de 2007 o maior índice de cobertura de juros. Verifica-se que para cada R\$ 1,00 pago de juros foram gerados R\$ 3,03 de caixa na atividade operacional.

Cobertura de dívidas com caixa

A seguinte expressão serve para calcular a cobertura de dívidas com caixa: $(\text{Fluxo de caixa operacional} - \text{dividendo total}) \div \text{exigível}$, conforme o gráfico exposto a seguir.

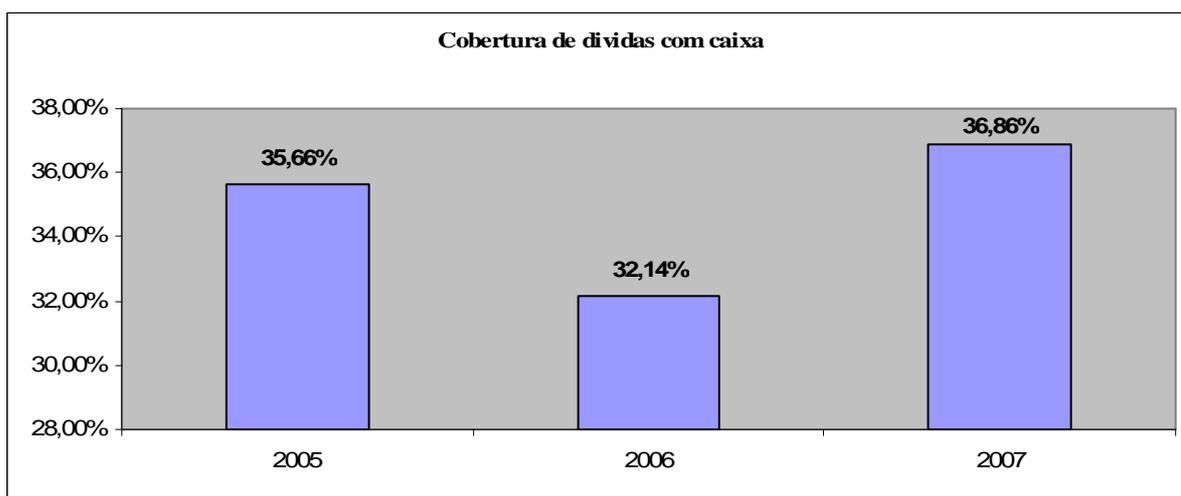


Gráfico 2: Cobertura de dívidas com caixa de 2005 a 2007

Fonte: Dados pesquisados

Esta relação mostra que os fluxos de caixa conseguem cobrir percentuais das dívidas de longo prazo da empresa. Assim em 2005 a empresa gerou recursos para pagar 35,66% da

dívida podendo quitar esses financiamentos em 2,8 anos ($100\% \div 35,66$). O melhor índice apresentado foi relativo ao ano de 2007 onde se verifica uma capacidade de a empresa honrar seus compromissos de longo prazo de 36,86%, ou seja, em 2,71 anos a empresa paga seus financiamentos de longo prazo.

Cobertura de dividendos com caixa

O indicador de cobertura de dividendos com caixa pode ser calculado da seguinte maneira: Fluxo de caixa operacional \div dividendos totais, podendo ser visualizado conforme gráfico a seguir.

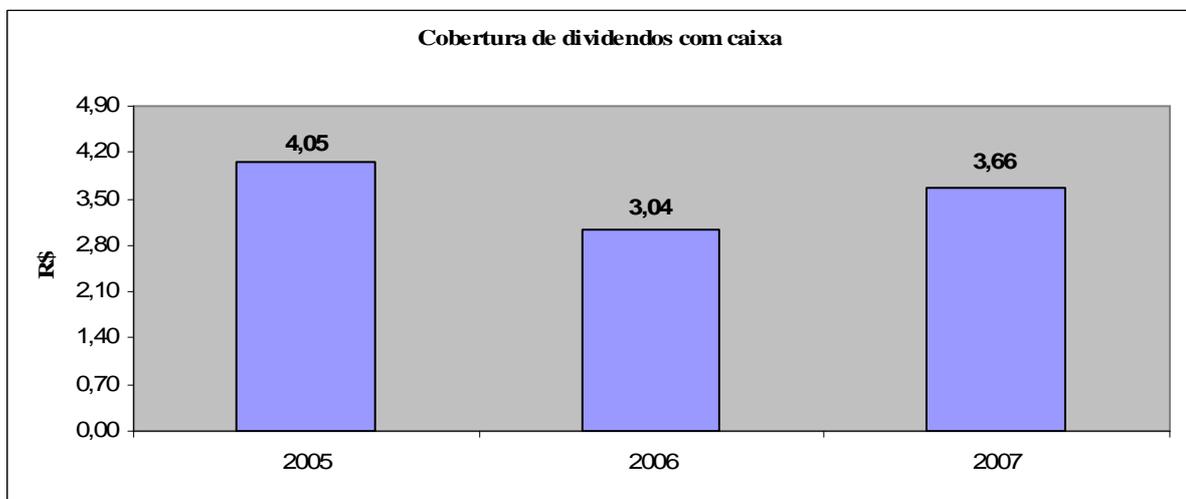


Gráfico 3: Cobertura de dividendos com caixa de 2005 a 2007

Fonte: Dados pesquisados

Este indicador mostra se os dividendos estabelecidos no estatuto social estão sendo pagos, pelo que se pode ver para cada R\$ 1,00 pago de dividendos e estes incluídos os juros sobre capital próprio a empresa gera respectivamente R\$ 4,05, R\$ 3,04, R\$ 3,66 de caixa na atividade operacional.

Qualidade do resultado

É apresentado no gráfico a seguir o indicador de qualidade do resultado, no qual pode ser calculado da seguinte forma: Fluxo de caixa operacional \div resultado operacional.

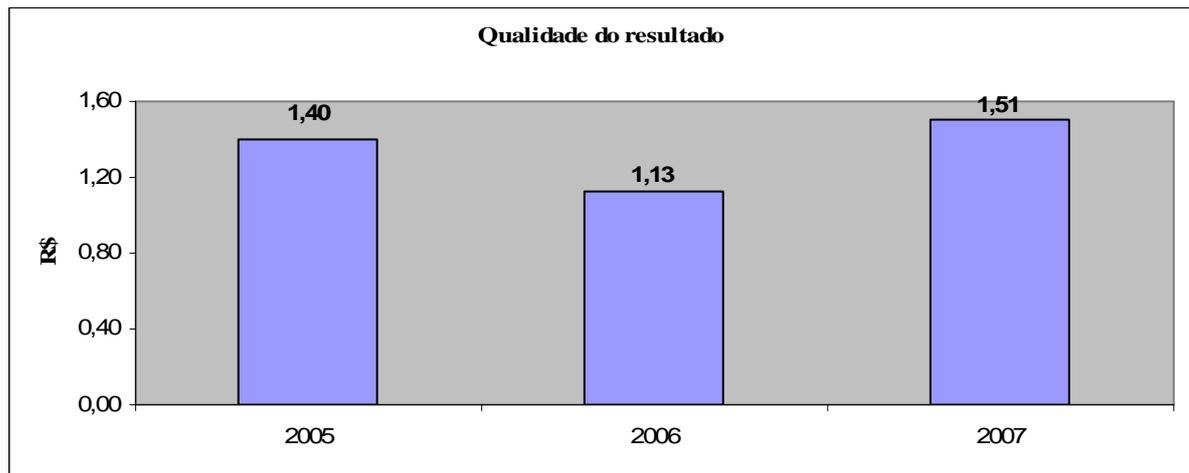


Gráfico 4: Qualidade do resultado de 2005 a 2007

Fonte: Dados pesquisados

Este indicador compara fluxos de caixa operacional ao resultado operacional, visto que ao resultado operacional são computados as receitas, custos e despesas estas não afetam o caixa do período, acarretando numa variação anormal entre o lucro e a geração de caixa. É por este motivo que muitas empresas encerram suas atividades, pois, apresentam lucros no exercício, mas se vêm com problema de caixa e não conseguem honrar suas dívidas.

Constata-se em 2006 o pior índice de dispersão entre os lucros e geração de caixa, que para cada R\$ 1,00 de lucro a empresa gera R\$ 0,13 de caixa na atividade operacional, já em 2007 que se mostra um ano muito sólido para a Beta S.A, tem-se um índice de 1,51 resultando assim que para cada R\$ 1,00 de lucro é gerado R\$ 0,51 de caixa.

Investimento de capital

No que diz respeito a este indicador calcula-se da seguinte forma: (Fluxo de caixa operacional – dividendo total) ÷ caixa pago por investimentos de capital, podendo ser visto no gráfico abaixo:

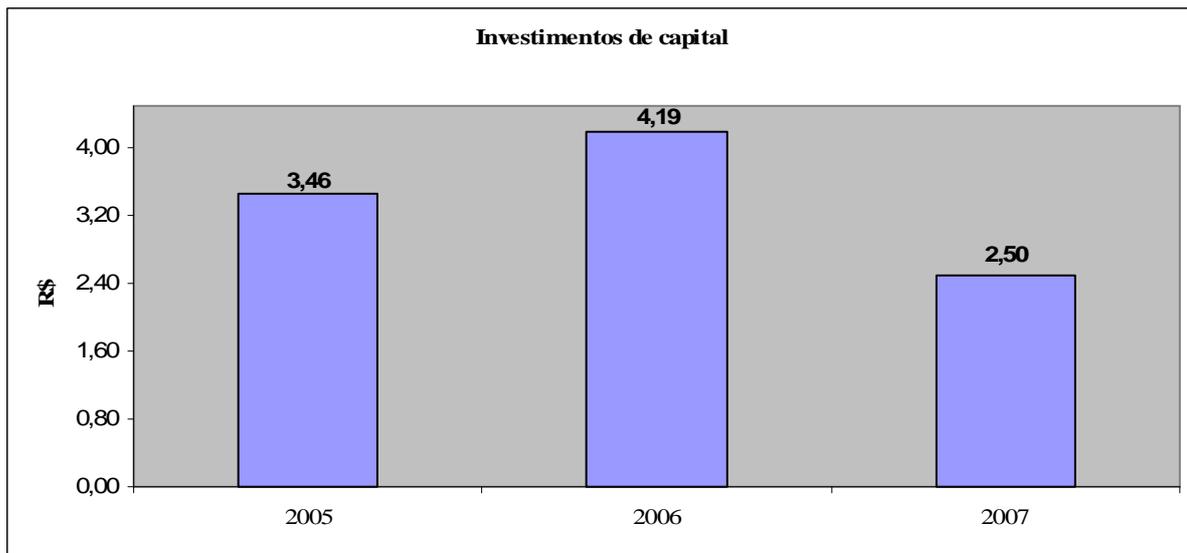


Gráfico 5: Investimentos de capital de 2005 a 2007

Fonte: Dados pesquisados

Este indicador mede a capacidade de gerar recursos para a continuidade da empresa, financiando com recursos próprios novos imobilizados. Nos três anos analisados verifica-se que a empresa pode fazer aquisições para o ativo imobilizado, dependendo isso certamente, dos objetivos e estratégias traçadas para a empresa, bem como, os compromissos assumidos com os diversos clientes e fornecedores. Assim no ano de 2006 a Beta S.A. apresentou o melhor índice quanto ao de capacidade de gerar recursos para aquisição do ativo imobilizado.

Retorno de caixa sobre os ativos

Em relação a este indicador financeiro pode ser calculado de acordo com a seguinte expressão: fluxo de caixa operacional antes juros e impostos ÷ ativos totais, ilustrado no gráfico a seguir.

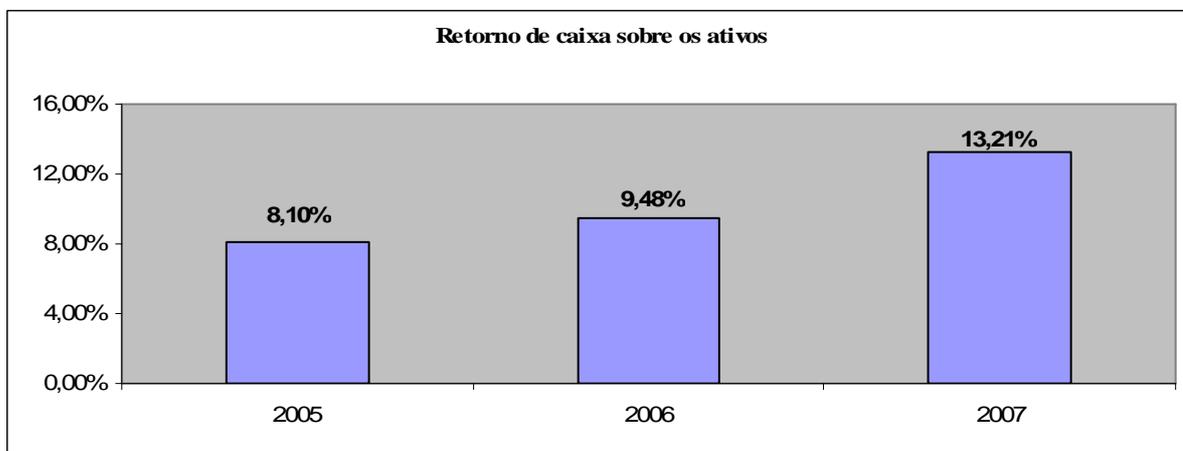


Gráfico 6: Retorno de caixa sobre os ativos de 2005 a 2007

Fonte: Dados pesquisados

No gráfico apresentado verifica-se a evolução do retorno de caixa sobre os ativos, respectivamente 8,1%, 948% e 13,21%, pode ser verificado que em 2007 dos ativos totais da empresa 13,21% foi recuperado em termos de disponibilidades.

Retorno sobre o passivo e patrimônio líquido

Neste indicador a expressão que representa o cálculo é a seguinte: fluxo de caixa operacional \div PL + exigível a longo prazo, conforme observado no gráfico.



Gráfico 7: Retorno sobre o passivo e patrimônio líquido de 2005 a 2007

Fonte: Dados pesquisados

Em relação o retorno sobre o capital de terceiros e capital próprio, a empresa teve um retorno de caixa consistente ao longo dos anos, considerando o ano de 2007 como o melhor apresentado, obtendo um índice de 40,3% de retorno de caixa sobre o passivo e o patrimônio líquido, verificou-se com esta situação a liquidez da empresa.

Retorno sobre o patrimônio líquido

O indicador de retorno sobre o patrimônio líquido pode ser expresso da seguinte forma: FCO \div patrimônio líquido, conforme gráfico abaixo.

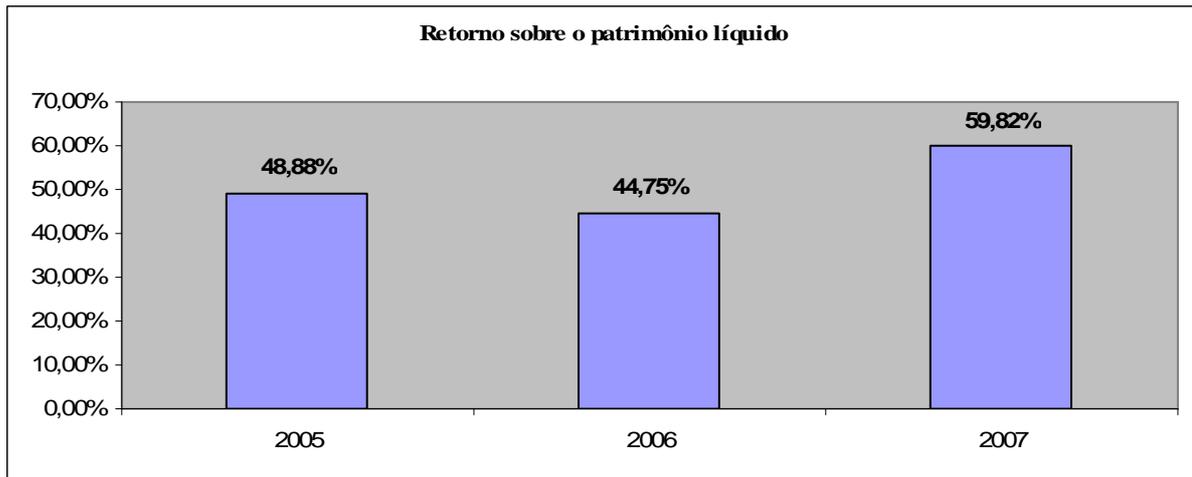


Gráfico 8: Retorno sobre o patrimônio líquido de 2005 a 2007

Fonte: Dados pesquisados

O gráfico apresentado evidencia a taxa de recuperação de caixa dos investimentos feita pelos acionistas. Em 2007 tem-se a melhor taxa de retorno de caixa, onde o patrimônio líquido da empresa gera 59,82% de recuperação de caixa por ano.

3.4 Análise dos resultados

Pode ser observado diante da análise prática dos indicadores financeiros extraídos da demonstração do fluxo de caixa da empresa Beta S.A., que a empresa utiliza de maneira eficiente seus recursos financeiros. Observa-se que nos anos de 2005, 2006 e 2007 a empresa tem variação no saldo de caixa sempre positiva, obtendo no ano de 2005 resultado mais expressivo, apresentando uma variação positiva de R\$ 688.848.480, evidenciando assim mais recebimentos do que pagamentos no ano.

Com relação aos indicadores financeiros pode-se destacar o ano de 2007, onde a empresa apresentou os melhores índices. Quanto ao indicador de cobertura de juros a empresa obteve em todos os anos, índices que possibilitam avaliar a liquidez do negócio, sendo que em 2007 chegou-se ao índice de 3,03, significando que para cada R\$ 1,00 pago com juros foi gerado R\$3,03 de caixa na atividade operacional.

Com respeito ao indicador financeiro de cobertura de dívidas com caixa, mostra-se a solidez apresentada pela empresa, verificou-se a capacidade da empresa em pagar suas dívidas de longo prazo, resultado disso foi que em 2007 a empresa apresentou o percentual de 36,86%, no qual possibilita o pagamento de suas dívidas de longo prazo em 2,71 anos. Outro indicador que avalia a situação financeira da empresa Beta S.A. é o de cobertura de dividendos, chegando aos índices nos anos analisados de 4,05, 3,04 e 3,66, respectivamente, possibilitando assim concluir que os dividendos estabelecidos em estatuto social são pagos.

O indicador financeiro da qualidade do resultado que evidencia a diferença entre o lucro e a geração de caixa, observou-se que em 2006 obteve-se o pior índice, resultando que para cada R\$ 1,00 de lucro a empresa gerou R\$ 0,13 de caixa na atividade operacional e em 2007 tem-se um índice de 1,51 resultando assim que para cada R\$ 1,00 de lucro é gerado R\$ 0,51 de caixa na atividade operacional.

Foi visto que o indicador financeiro de investimentos de capital mostrou a capacidade da empresa em adquirir novos ativos imobilizados com recursos próprios, sendo o ano de 2006 o mais proveitoso chegando a um índice de 4,19 no qual mostra que para cada R\$ 1,00 pago com aquisição de imobilizado a empresa gera 4,19 de caixa.

No que diz respeito ao indicador financeiro de retorno sobre o ativo identifica-se que foi crescente o retorno de caixa sobre o ativo, atingindo em 2007 o percentual de 13,2% o valor recuperado em termos de disponibilidades. No retorno sobre o capital de terceiros e capital próprio foi constatado que a empresa mostra indicadores sólidos, alcançando em 2007 um índice de 40,3% de retorno de caixa sobre o passivo e o patrimônio líquido, evidenciando assim a capacidade de gerar recursos.

Por ultimo o retorno sobre o patrimônio líquido mostrou a taxa de recuperação de caixa dos investimentos feita pelos acionistas, sendo que em 2007 a empresa gera 58,8% de recuperação de caixa por ano. A seguir é apresentado um quadro resumo com os cálculos extraídos na DFC da empresa Beta S.A.

	2005	2006	2007
Cobertura de juros com caixa	1,63	1,85	3,03
Cobertura de dividas com caixa	35,66%	32,14%	36,86%
Cobertura de dividendos com caixa	4,05	3,04	3,66
Qualidade do resultado	1,40	1,13	1,51
Investimentos de capital	3,46	4,19	2,50
Retorno de caixa sobre os ativos	8,10%	9,48%	13,21%
Retorno s/ o passivo e patrim. líquido	35,42%	30,30%	40,29%
Retorno sobre o patrimônio líquido	48,88%	44,75%	59,82%

Quadro 2: quadro resumo dos indicadores financeiros extraídos da DFC da Beta S.A

Fonte: Dados pesquisados

Conforme dados extraídos na DFC da empresa Beta S.A. constata-se que em 2007 obteve-se os melhores indicadores.

4. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A necessidade de obter resultados cada vez melhores faz com que as empresas busquem ferramentas que auxiliem na tomada de decisão. No que diz respeito a necessidade de recursos financeiros esta preocupação é constante. Nos dias atuais é impreenscindível que as empresas tenham mecanismos de planejamento e controle financeiro.

Neste trabalho buscou-se primeiramente destacar aspectos relacionados a contabilidade e os sistemas de informações, fluxo de caixa e por ultimo os aspectos relacionados a demonstração do fluxo de caixa.

A contabilidade coleta, processa e transmite as informações empresariais, o resultado deste processo são as demonstrações contábeis que servem para avaliar a situação das empresas. Contudo, foi constatado que para ter uma base segura quanto às conclusões feitas pelas análises, devem ser feitas observações em conjunto com outros relatórios, apesar da DFC conter informações indispensáveis à análise da situação financeira da empresa Beta S.A.. Foi necessária a coleta de informações em outros demonstrativos contábeis obrigatórios da empresa.

Quanto aos objetivos específicos expostos no presente trabalho, pode-se observar que foram atingidos, resultando na comprovação de que a DFC é uma ferramenta indispensável aos gestores em se tratando de gerenciamento de caixa das empresas. A DFC demonstra as entradas e saídas de valores monetários no caixa da empresa em um determinado período, podendo assim auxiliar o planejamento e controle financeiro de curto ou longo prazo.

Pode ser visto que a empresa analisada possui ótimos indicadores financeiros. Foi constatado que houve variações positivas de caixa no período analisado, mostrando a folga financeira da empresa. Por tanto, a capacidade da empresa em gerar caixa leva-a numa situação de solidez, contribuindo para a continuidade das atividades operacionais.

Com relação a problemática, entende-se que a pesquisa respondeu o problema e verificou que os indicadores financeiros são medidas de desempenho que abordam toda a estrutura da DFC e tornam mais claros as informações contidas nas DFC. Entretanto, foi constatado que além das informações contidas na DFC, devem ser observados outros demonstrativos da empresa.

A DFC transmite informações importantes para o processo de tomada de decisão, por isso, é necessário conhecer e interpretar esta demonstração contábil. Tendo em vista que cada

vez mais as empresas necessitam de recursos financeiros para financiar suas operações, tal demonstrativo reflete a situação financeira das empresas.

4.1 Recomendações

No desenvolvimento deste trabalho observou-se a perspectiva de novos estudos sobre o tema, possibilitando o aprofundamento de outras abordagens, como sugestões têm-se os seguintes itens:

- fazer a comparação entre a DFC e a DOAR em relação a qualidade da informação;
- identificar divergências entre as DFC divulgadas no Brasil em relação as normas internacionais de contabilidade; e
- ampliação da abordagem da pesquisa quanto ao tipo de empresa, número de empresas analisadas, setor em que atua.

5. REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre; SILVA, Cesar Augusto Tibúrcio. **Administração do capital de giro**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

BEUREN, Ilse Maria; LONGARAY, André Andrade; RAUPP, Fabiano Maury; OUSA, Marco Aurélio Batista de; COLAUTO, Romualdo Douglas; PORTON, Rosimere Alves de Bona. **Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2003.

BRADLEY, Jana. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

BRAGA, Roberto, MARQUES, José Augusto Veiga da Costa. **Avaliação da Liquidez das empresas através da análise da Demonstração de Fluxos de Caixa**. Revista Contabilidade & Finanças FINECAFI. n. 25, 2001.

BRASIL. Conselho Federal de Contabilidade. Resolução CFC n. 785, de 28 de julho de 1995. Aprova a NBC T 1 - Das Características da Informação Contábil. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 01 de outubro 1995.

BRASIL. Comissão de Valores Mobiliários. Deliberação nº 496, de 03 de janeiro de 2006. Prorroga a entrada em vigor da Deliberação CVM nº 488, de 3 de outubro de 2005, que aprovou o Pronunciamento do IBRACON NPC nº 27 sobre Demonstrações Contábeis – Apresentação e Divulgações.

BRASIL. Lei 11638, de 28 de dezembro de 2007. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 28 dez. 2007. Edição extra.

CAMPOS FILHO, Ademar. Fluxo de Caixa em Moeda Forte: **Análise, decisão e controle**. São Paulo: Atlas. 2º Ed. 1993.

CAMPOS FILHO, Ademar. Demonstração dos Fluxos de Caixa: **Uma ferramenta indispensável para administrar sua empresa**. São Paulo: Atlas. 2ª Ed. 1999.

CÔMITE DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS. Pronunciamento técnico CPC 03. **Demonstração dos fluxos de caixa**. Disponível em <http://www.cpc.org.br/mostraOrientacao.php?id=17>, acesso em 25 de março de 2009.

CONSELHO REGIONAL DE CONTABILIDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Contabilidade no contexto internacional**. São Paulo: Atlas, 1997.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **Princípios fundamentais e normas brasileiras de contabilidade: auditoria e perícia**/Conselho Federal de Contabilidade. – 3. ed. -- Brasília: CFC, 2008.

FRANCO, Hilário. **Contabilidade geral**. 23. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

FRANCO, Hilário. **A contabilidade na era da globalização**. São Paulo: Atlas, 1999.

- FREZATTI, Fabio. **Orçamento empresarial: planejamento e controle gerencial**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3a ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira**. 7. ed. São Paulo: HARBRA, 2002.
- IUDICIBUS, Sergio de. **Introdução à teoria da contabilidade: para o nível de graduação**. São Paulo: Atlas, 1999.
- IUDÍCIBUS, Sérgio de, MARTINS, Eliseu, GELBCKE, Ernesto Rubens, **Manual de Contabilidade das Sociedades por Ações (Aplicável as Demais Sociedades)**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- IUDICIBUS, Sergio de; MARTINS, Eliseu; GELBCKE, Ernesto Rubens FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS CONTABEIS, ATUARIAS E FINANCEIRAS. **Manual de contabilidade das sociedades por ações: aplicável também as demais sociedades**. 6. ed. rev. e atual São Paulo: Atlas, 2003.
- JOSÉ, L. Olinquevitch e ARMANDO, Santi Filho. **Análise de Balanços para Controle Gerencial**. 5ª. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LEMES JÚNIOR, Antônio Barbosa; RIGO, Cláudio Miessa; CHEROBIM, Ana Paula Mussi Szabo. **Administração financeira: princípios, fundamentos e práticas brasileiras**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- LUNKES, Rogério João. **Contabilidade Gerencial: Um enfoque na tomada de decisão**. Florianópolis: VisualBooks, 2007.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 2a ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1990.
- MARION, José Carlos,; DIAS, Reinaldo; TRALDI, Maria Cristina. **Monografia para os cursos de administração, contabilidade e economia**. São Paulo: Atlas, 2002.
- MARION, José Carlos. **Contabilidade Empresarial**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARION, José Carlos. **Contabilidade Empresarial**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- MARION, José Carlos. **Análise das demonstrações contábeis**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise Financeira de Balanços: abordagem básica**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1987.

MATARAZZO, Dante Carmine; PESTANA, Armando Oliveira. **Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial: como avaliar empresas, análise da gestão de caixa, análise da gestão de lucro, desempenho da diretoria.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

MONSORES, Lidianne Stelman. Monografia. Curso de Ciências Contábeis. Universidade Presidente Antônio Carlos. Juiz de Fora, Minas Gerais. **As modificações ocorridas na estrutura patrimonial e seus aspectos positivos em nome da transparência: A lei 11638.** 2008

PADOVEZE, Clovis Luis. **Manual de contabilidade básica: uma introdução à prática contábil : texto e exercícios.** 5. ed São Paulo: Atlas, 2007.

PEREZ JUNIOR, Jose Hernandez; BEGALLI, Glaucos Antonio. **Elaboração das demonstrações contábeis.** 2. ed São Paulo: Atlas, 1999.

ROBBINS, Stephen P. **Administração: mudanças e perspectivas.** Rio de Janeiro: Saraiva, 2000.

SÁ, A. Lopes de. **Teoria da contabilidade.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SANTI FILHO, Armando de; **Análise do demonstrativo de fluxo de caixa: enfoque sobre o EBITDA, sobre o fluxo de caixa operacional e sobre as políticas financeiras.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

SANTOS, Edno Oliveira dos. **Administração financeira da pequena e media empresa.** São Paulo: Atlas, 2001.

SANTOS, José Luiz dos; SCHMIDT, Paulo; FERNANDES, Luciane Alves . **Demonstrações contábeis das companhias abertas: de acordo com a nova deliberação CVM nº 488/05.** São Paulo: Atlas, 2006.

SANVICENTE, Antonio Zoratto; SANTOS, Celso da Costa. **Orçamento na administração de empresas : planejamento e controle.** ed. rev. e atual São Paulo: Atlas, 1995.

SARAIVA, Marcondes Dourado. **As informações contábeis que os pequenos e Médios empresários do DF recebem de seus contadores, e como as mesmas estão sendo utilizadas (2005).** Disponível em www.contabeis.ucb.br/sites/000/96/00000060.pdf. Acesso em 08/04/2009.

SOUSA, Antonio de. Gerência financeira para as micro e pequenas empresas: um manual simplificado. Rio de Janeiro. Ed. Elsevier – SEBRAE 2007.

VILLELAÉ, Mônica Vanessa Encinas. **A Demonstração do Fluxo de Caixa como Ferramenta Útil para Tomada de Decisão.** Disponível em: <http://www.simonsen.br/rds/contabeis/artigo2.php> acesso em 26 de março de 2009.

WEG S.A. Relatório Anual da Administração e das Demonstrações Financeiras da WEG S.A. Disponível em <http://investidores.weg.com.br/asp/empty.asp?P=50&C=13962>. Acesso em 10 de março de 2009.

YOSHITAKE, Mariano; HOJI, Masakazu. **Gestão de tesouraria:** controle e análise de transações financeiras em moeda forte. São Paulo: Atlas, 1997

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Fluxo de caixa: uma decisão de planejamento e controle financeiro.** 9º Ed. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2002.

ZDANOWICZ, Jose Eduardo. **Orçamento operacional:** uma abordagem prática. 3. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sagra, 1989.

ANEXOS

22 – DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA

	CONTROLADORA		CONSOLIDADO	
	2006	2005	2006	2005
ATIVIDADES OPERACIONAIS				
Resultado líquido do exercício	502.830.832	374.812.411	502.830.832	374.812.411
Imposto de renda e contribuição social	2.655.268	(402.922)	148.042.265	125.962.351
Depreciações e amortizações	144.135	144.423	105.273.439	95.905.021
Equivalência patrimonial	(501.243.926)	(374.425.824)	(6.428.302)	(27.141.310)
Perda com ativo permanente baixado	9.195	.	1.216.101	1.132.315
Provisões:				
Participação no resultado dos colaboradores	.	.	70.747.913	51.597.989
Outros	1.404.468	1.356.625	39.880.407	6.962.712
Varição do capital de giro	56.160.054	22.524.342	(166.663.145)	41.091.950
Caixa líquido de atividades operacionais	61.960.026	24.009.055	694.899.510	670.323.439
ATIVIDADES DE INVESTIMENTOS				
Títulos do Governo de longo prazo	.	.	150.805.100	(23.566.670)
Investimentos	(81.900.100)	(24.705.554)	(9.096.735)	(272.515)
Redução de Investimento	93.000.000	.	93.000.000	.
Imobilizado	.	.	(111.292.749)	(145.931.707)
Diferido	.	.	(36.406.420)	(22.593.875)
Aplicação de caixa em investimentos	11.099.900	(24.705.554)	87.009.196	(192.364.767)
ATIVIDADES DE FINANCIAMENTOS				
Financiamento de capital de giro	.	.	(35.094.154)	464.762.632
Financiamento de longo prazo	.	.	98.892.415	90.256.047
Recebimentos de dividendos/				
Juros s/ capital próprio	222.114.775	167.615.441	4.086.976	5.568.009
Pgto de dividendos/juros s/ capital próprio	(278.430.317)	(160.736.145)	(278.508.993)	(160.709.020)
Pgto participação no resultado dos colaboradores	.	.	(60.608.939)	(57.815.532)
Pgto imposto de renda e contribuição social	(3.681.687)	(1.089.390)	(143.751.427)	(131.172.328)
Caixa líquido de atividades de financiamentos	(59.997.229)	5.789.906	(414.984.122)	210.889.808
Varição no saldo do caixa	13.062.697	5.093.407	366.924.584	688.848.480
Saldo de Caixa:				
No início do período	48.655.044	43.561.637	1.349.578.345	660.729.865
No Final do período	61.717.741	48.655.044	1.716.502.929	1.349.578.345

23 – DEMONSTRAÇÕES DOS FLUXOS DE CAIXA

	CONTROLADORA		CONSOLIDADO	
	2007	2006	2007	2006
ATIVIDADES OPERACIONAIS				
Resultado líquido do exercício	574.984.109	502.830.832	574.984.109	502.830.832
Imposto de renda e contribuição social	1.083.078	2.855.268	237.817.828	148.637.199
Depreciações e amortizações	144.100	144.135	158.833.259	105.273.439
Equivalência patrimonial	(571.888.484)	(501.243.928)	(2.538.920)	(8.428.302)
Perda com ativo permanente baixado	-	9.195	1.048.985	1.218.101
Participação dos Minoritários	-	-	4.603.424	1.032.905
Provisões:				
Participação no resultado dos colaboradores	-	-	81.632.376	70.747.913
Outros	2.139.505	1.404.468	45.408.942	39.880.407
Variação do capital de giro	17.424.748	58.180.054	(5.324.183)	(168.290.984)
Caixa líquido de atividades operacionais	23.889.074	61.960.026	1.094.261.820	694.899.510
ATIVIDADES DE INVESTIMENTOS				
Títulos do Governo de longo prazo	-	-	-	150.805.100
Investimentos	399.900	(81.900.100)	(57.021.309)	(9.098.735)
Redução de Investimento	-	99.000.000	-	93.000.000
Imobilizado	-	-	(318.204.235)	(111.292.749)
Diferido	-	-	(29.627.508)	(38.408.420)
Aplicação de caixa em investimentos	399.900	11.099.900	(404.853.050)	87.009.196
ATIVIDADES DE FINANCIAMENTOS				
Financiamento de capital de giro	-	-	220.589.897	(35.094.154)
Financiamento de longo prazo	-	-	99.249.880	98.892.415
Recebimentos de dividendos/juros s/ capital próprio	258.283.545	222.114.775	-	4.088.978
Pgto de dividendos/juros s/ capital próprio	(259.451.199)	(278.430.317)	(257.970.268)	(278.508.993)
Pgto participação no resultado dos colaboradores	-	-	(85.384.331)	(80.808.939)
Pgto imposto de renda e contribuição social	(3.068.470)	(3.681.687)	(207.404.914)	(143.751.427)
Caixa líquido de atividades de financiamentos	(4.256.124)	(59.997.229)	(230.940.136)	(414.984.122)
Variação no saldo do caixa	20.032.850	13.062.697	458.468.634	366.924.584
Saldo de Caixa:				
No início do período	61.717.741	48.855.044	1.716.502.929	1.349.578.345
No Final do período	81.750.591	61.717.741	2.174.971.563	1.716.502.929